



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO

JOZEFA PONTES PEREIRA

**O ENSINO DA LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS: LIMITES E
POSSIBILIDADES**

CAJAZEIRAS-PB

2012

JOZEFA PONTES PEREIRA

**O ENSINO DA LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS: LIMITES E
POSSIBILIDADES**

Monografia apresentada como exigência parcial para a conclusão do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras.

Orientadora: Professora Dra. Elzanir dos Santos.

CAJAZEIRAS

2012

JOZEFA PONTES PEREIRA

LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS: LIMITES E POSSIBILIDADES

Monografia apresentada como exigência parcial para a conclusão do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras, sob a orientação da Professora Dra. Elzanir dos Santos.

Aprovado em, ___ de _____ 2012.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Elzanir dos Santos

Presidente da Banca

Profa.Ms. Valéria Maria de Lima Borba

Examinadora

Profa.Ms. Edinaura Almeida de Araújo

Examinadora

Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes

Examinador Suplente

A toda a minha família, pelo apoio, carinho e compreensão oferecidos no decorrer deste trabalho e no decorrer do curso de graduação.

AGRADECIMENTOS

A Deus por iluminar a minha vida.

Aos meus pais, por estarem sempre ao meu lado, me apoiando em todos os momentos.

Ao meu marido, Lucivaldo, pela paciência e compreensão no decorrer desse trabalho.

As minhas filhas, Bruna e Brenda, pelo carinho e pela certeza que para ser um vencedor, só basta ter força de vontade e determinação.

A minha irmã Conceição, incentivo maior para minha formação.

A minha orientadora, professora Doutora Elzanir dos Santos, pelo respeito, humildade e, acima de tudo, profissionalismo para com os seus educandos.

A todos os professores e colegas do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande – Campus de Cajazeiras que contribuíram para a minha formação acadêmica.

O conhecimento do conhecimento, que comporta a integração do conhecer em seu conhecimento, deve ser, para a educação, um princípio e uma necessidade permanentes.

Edgar Morin

RESUMO

Os primeiros passos para aprender a ler iniciam-se quando a criança estabelece os primeiros contatos com o mundo, ao nascer. Trata-se de uma aprendizagem natural, mas, tão complexa quanto à aprendizagem sistematizada. Pensando neste contexto, venho destacar a importância do desenvolvimento do hábito de ler, desde cedo. Este trabalho teve como tema o ensino da leitura nas séries iniciais, delimitando suas possibilidades e limites no âmbito escolar. Portanto, objetivou-se analisar o processo de ensino da leitura em uma turma de primeiro ano nas séries iniciais da Escola Estadual localizada na cidade de São João do Rio do Peixe, e buscou-se apontar as práticas e métodos desenvolvidos nesta turma, pela professora titular, tendo em vista a aquisição da leitura por parte dos alunos. Teve como foco, ainda, compreender se a metodologia de ensino estimulava ou não o interesse e o envolvimento das crianças nas atividades de leituras; Elencar os tipos de gêneros textuais trabalhados em sala de aula e identificar a concepção que a professora tem acerca da leitura. Utilizou-se como referencial teórico a concepção de autores como: Martins (2007), Freire (1987) e Barbosa (1994) que tratam sobre o tema, bem como as reflexões pessoais sobre o objeto estudado. Para a metodologia de trabalho utilizou-se a abordagem qualitativa, com foco na pesquisa de campo. As técnicas de coletas de dados foram a observação e entrevistas feitas à professora S.D.G e a cinco alunos de sua turma. Dentre os resultados alcançados, vale ressaltar que a leitura realizada nesta série é desenvolvida de forma mecânica e que o tipo de leitura que as crianças mais gostam de fazer ainda é a leitura de livros de literatura infantil. Espera-se que os resultados apresentados aqui, possam contribuir para a reflexão dos docentes sobre suas práticas pedagógicas e assim se conscientizarem da importância de formar leitores capazes de transformar o conhecimento.

Palavras-chave: Leitura. Séries iniciais. Ensino da leitura. Professor.

ABSTRACT

The first steps in learning to read begin when the child establishes the first contact with the world, at birth. It's a natural learning, but as complex as systematic learning. Thinking in this context, it is intended to contrast the importance of developing the habit of reading early. This work had as its theme the teaching of reading in first grades, delimiting their possibilities and limits in the school ambit. So, it was aimed to analyze the process of teaching of reading in a class of first year in the initial series of State School, located in São João do Rio do Peixe town, and it was sought to point out the practices and methods developed in this class by the titular teacher, with a view to acquisition of reading by students. It was also focused on understanding if the teaching methodology stimulated or not the interest and involvement of children in reading activities. It was emphasized the types of text genres worked in the classroom and was investigated the concept that the teacher has about the reading. It was used as theoretical reference the conception of authors as: Martins (2007), Freire (1987) and Barbosa (1994) who treat on the theme, as well as personal reflections on the studied object. For the work methodology it was used a qualitative approach focusing on field research. The techniques of data collection were observation and interviews with the teacher S.D.G. and five students in his class. Among the results, it is noteworthy that reading done in this series is mechanical and the type of reading that children like to do is still reading books about children's literature. It is hoped that the results presented here may contribute to the reflection of teachers about their teaching practices and thus become aware of the importance to form readers able to transform knowledge.

Keywords: Reading, Elementary School, Teaching Reading, Teacher

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
1.1 Delimitando o objeto.....	09
1.2 Procedimentos teóricos e metodológicos.....	10
2. LEITURA: DELINEANDO HISTÓRICOS E CONCEITOS.....	13
2.1 Um breve histórico da leitura.....	13
2.2 Sobre os conceitos de leitura: algumas reflexões.....	16
2.3 O que é leitura.....	18
3. O ENSINO E A APRENDIZAGEM DA LEITURA.....	21
3.1 Um olhar sobre a prática pedagógica.....	21
3.2 Análises de uma prática.....	28
3.3 A aprendizagem da leitura, na ótica de alunos.....	37
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
5. REFERÊNCIAS.....	48

ANEXOS

INTRODUÇÃO

1.1 DELIMITANDO O OBJETO DE ESTUDO

A reflexão sobre minha prática cotidiana como professora, na Educação Infantil, na busca por fomentar o gosto pela leitura desde o início dos anos escolares através das histórias literárias, me instigou a aprofundar estudos sobre como se dá o processo de leitura nas séries iniciais.

Chama – me a atenção, o encantamento e interesse despertado pela literatura em crianças com faixa etária entre quatro e cinco anos e que mesmo sem ter ainda o domínio do código linguístico verbal, ficam atentas às figuras, às personagens e a todo aquele mundo de imaginação. Com isso, conseguem compreender o conteúdo do livrinho e assim interagir e formular questionamentos sobre a história. No entanto, observei também que o prazer era maior ainda, quando elas manuseavam os livros com as historinhas que, de uma forma fabulosa, eram recontadas pelas crianças, apenas através dos desenhos, sendo capazes de construir textos vislumbrando o mundo imaginário.

A partir disso, percebi que este poderia também ser o caminho para investigar como ocorre o processo de leitura nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Sabemos que as histórias fazem parte da vida da criança desde bebê, através da voz de seus pais, em um primeiro momento, quando lhes apresentam as canções de ninar, nos acalentos carinhosos e mais tarde quando lhes contam as mais diversas histórias que contribuem significativamente na formação de seu mundo imaginário. Pode – se dizer que, quanto mais cedo as histórias entrarem na vida da criança, maiores serão as chances de ela gostar de ler. Dessa forma, torna-se necessário promover a aproximação entre os alunos e o texto.

Tomando como pressuposto a contribuição da literatura infantil para o desenvolvimento da leitura e o gosto por ela, também acreditando que a leitura nas séries iniciais precisa de motivação, para que as crianças gostem de ler e que o professor deve ser agente fundamental nesse processo, o mediador entre a criança e o livro, ressalto a importância de investigar o tema ora apresentado.

Dessa forma, o estudo proposto teve como objetivo central: analisar como se dá o processo de ensino da leitura nas séries iniciais. Como objetivos específicos: compreender como acontece a leitura na escola Pública; identificar a metodologia desenvolvida para o exercício da leitura em sala de aula junto às crianças; perceber a contribuição destas para o desenvolvimento da leitura em sala de aula.

Sabendo que a literatura infantil estimula vários sentidos na criança e que ajuda na construção do conhecimento infantil, porque é importante para a formação da criança ouvir muitas histórias, pode-se afirmar que, ouvir histórias, seja ela de qualquer gênero textual, pode contribuir muito para o processo de formação de bons leitores e críticos, nas séries iniciais, pois escutá-las já é o início para esta aprendizagem.

Nesse sentido, este estudo se mostrou pertinente, na medida em que, poderá contribuir para um redimensionamento e uma reflexão do que se lê e do como se lê em sala de aula, bem como, oportuniza uma reflexão sobre a concepção dos professores acerca da leitura.

1.2 PROCEDIMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

A pesquisa é importante para que haja um conhecimento significativo. A busca investigativa faz-se necessária para esclarecer uma dúvida ou incerteza. Em um sentido amplo a pesquisa se direciona para a produção de conhecimentos.

Na perspectiva de Prestes (2003 p.25), pesquisa significa “atividade com finalidade de obter conhecimento específico e estruturado a respeito de determinado assunto, resultante da observação dos fatos, do registro de variáveis presumivelmente relevantes para futuras análises”.

Com o intuito de esclarecer incertezas a respeito do ensino de leitura na escola pública, se fez necessária uma pesquisa teórica que foi acompanhada de uma pesquisa de campo.

O trabalho caracterizou-se como uma pesquisa qualitativa, por ser a que melhor dá suporte para obter conhecimento específico sobre o objeto de estudo e aquela que permite o contato direto com a realidade investigada. Neste tipo de pesquisa há uma relação maior de proximidade de quem investiga com o que é investigado, favorecendo assim uma maior compreensão do problema, além disso,

A pesquisa qualitativa é multimetodológica quanto ao seu foco, envolvendo abordagens interpretativas e naturalistas dos assuntos. Isto significa que o pesquisador qualitativo estuda coisas em seu ambiente natural, tentando dar sentido ou interpretar os fenômenos, segundo o significado que as pessoas lhe atribuem (DENZIN & LINCOLIN, 1994, p.2).

Matos (2002, p. 36) diz que as pesquisas qualitativas “dão visibilidade e aprofundam o significado da questão para os sujeitos investigados”.

Na busca de conhecer a concepção que os professores têm acerca da leitura e assim compreender a metodologia empregada em sala de aula, foi realizado um estudo de campo para a coleta de dados, fazendo uso de algumas técnicas como a observação e a entrevista. Segundo Prestes (2003, p. 27), “[...] a pesquisa de campo é aquela em que o pesquisador, através de questionários, entrevistas, protocolos verbais, observações, etc..., coleta seus dados, investigando os pesquisados no seu meio”.

Foi investigada a sala de aula do 1º ano (professora e alunos), das séries iniciais de uma Escola Estadual. Ela está localizada na cidade de São João do Rio do Peixe, no Estado da Paraíba. Esta escola funciona nos três períodos: matutino, vespertino e noturno, sendo que, nos turnos da manhã e tarde a educação está destinada ao Ensino Fundamental I, enquanto à noite oferece o ensino de Jovens e Adultos. Ao todo a escola atende, em média, 267 discentes. Os alunos caracterizam-se por serem de famílias predominantemente pertencentes à classe de baixa renda.

O critério de escolha do lócus foi à realização, nesta escola, do Estágio Supervisionado do Ensino Fundamental nas Séries Iniciais.

Uma das técnicas utilizadas na pesquisa foi a observação. Esta é um dos instrumentos que permite a aproximação do pesquisador com o sujeito. Matos (2002, p. 46) afirma que a pesquisa participante “caracteriza-se pelo envolvimento e identificação do pesquisador com as pessoas pesquisadas. Assim, os informantes passam a ser sujeitos do processo”.

Assim, “[...] a observação mesmo quando não segue um rígido planejamento, possibilita o acesso direto à informação e ajuda, em muitos casos na delimitação do problema e delineamento da pesquisa.” (IDEM, p.59.).

Este tipo de pesquisa permite explorar a realidade do aluno e do professor e com isso, relacionar esta realidade com a questão problematizadora. Segundo Matos (2002, p. 59), o pesquisador “[...] passa a fazer parte do grupo (artificial) para melhor coletar dados, tendo acesso a estes em primeira mão, assim como aos que são considerados sigilosos para as pessoas externas”.

A observação ocorreu em dois momentos: a primeira observação foi realizada no segundo semestre do ano de 2011, durante uma semana. A segunda foi realizada no primeiro semestre do ano de 2012, durante dois dias.

A experiência de conviver com os sujeitos da pesquisa possibilita uma melhor compreensão do dia-a-dia e da realidade estudada. Este instrumento possibilita também compreender dados de outros instrumentos, como a entrevista. Sendo assim, foi utilizada também nesta pesquisa, a entrevista, com a finalidade de obter informações de forma mais rápida e precisa. Esta, também permite um contato direto com o entrevistado, visando trazer resultados rápidos e reais, diferenciando-se do questionário. Matos (2002, p. 61) diz que a entrevista “difere, nesse aspecto, do questionário que não precisa da presença do pesquisador para ser respondido”.

Para atender os objetivos e questões de pesquisas propostos, este trabalho está dividido em quatro partes. A primeira corresponde a esta introdução que delimita o objeto e traça a metodologia. A segunda parte, o primeiro capítulo, traz algumas considerações sobre a historização da leitura e alguns conceitos sob a visão de autores como: Barbosa (1994), Guiraldelli Junior (2006), Martins (2007), Freire (1989). A terceira parte, o segundo capítulo, está constituída pela análise sobre a realidade do ensino e da aprendizagem da leitura numa sala de aula de uma escola pública, enfocando aspectos como a metodologia de ensino da professora e a relação que alguns alunos têm com a leitura. E, por fim, as Considerações Finais que apresentam pontuações sobre todo o trabalho e algumas propostas significativas que atendam as necessidades das crianças para o trabalho com a pedagogia da leitura.

PRIMEIRO CAPÍTULO

2. LEITURA: DELINEANDO HISTÓRICO E CONCEITOS

2.1 UM BREVE HISTÓRICO DA LEITURA

Para entender as práticas atuais de leitura é necessário conhecer como esta era efetivada no decorrer da história. O homem primitivo se comunicava pintando nas rochas o desenho de suas caças, fazendo dessa forma a leitura de seu mundo. Para Ponce (1985, p. 20) “O homem das comunidades primitivas também tinha uma concepção própria do mundo, ainda que nunca tivesse formulado expressamente”.

As crianças aprendiam espontaneamente, através da convivência com a tribo. “[...] nas comunidades primitivas, o ensino era para a vida e por meio da vida”. (PONCE, 1985, p.19). Numa sociedade em que todos os bens eram para todos, então, todos iriam aprender as mesmas coisas, do mesmo jeito, de forma igualitária e de maneira espontânea e integral. Para eles, nada era mais importante do que os interesses da tribo. Nesse sentido, Ponce (1985, p.21) explica que:

Numa sociedade sem classes como a comunidade primitiva, os fins da educação derivam da estrutura homogênea do ambiente social, identificam-se com os interesses comuns do grupo, e se realizam igualmente em todos os seus membros, de modo espontâneo e integral.

As pinturas, mais tarde, cederam lugar para o pictograma, uma forma de escrita da antiguidade. Nesta época o conhecimento era transmitido oralmente, o leitor da antiguidade era um ouvinte. Segundo Barbosa (1994, p. 97),

As dificuldades de publicação e divulgação das obras escritas instituíram uma prática habitual de leitura: as recitações públicas. Nessas leituras Públicas, realizadas pelo autor ou por um profissional da leitura, o público tomava contato com as obras produzidas. A leitura em voz alta era a forma pela qual leitores e não leitores se encontravam para reconstituir o sentido do texto.

Nesse sentido, a arte da oratória era à base do conhecimento. O mesmo autor nos diz que o leitor da Antiguidade era antes de tudo um ouvinte e que a escrita desempenhava um papel secundário nesta época.

Depois do surgimento das classes sociais, a educação passou a abranger interesses antagônicos. A igualdade da aquisição de saberes não existia. Para a classe dominante todos os saberes e para a classe dominada, o conhecimento comum.

[...] com o desaparecimento dos interesses comuns a todos os membros iguais de um grupo e a sua substituição por interesses distintos, pouco a pouco antagônicos, o processo educativo, que até então era único, sofreu uma partição: a desigualdade econômica entre os “organizadores” – cada vez mais exploradores – e os “executores” – cada vez mais explorados – trouxe necessariamente a desigualdade das educações respectivas. (PONCE, 1985, p.26).

As invasões Bárbaras provocaram a fuga da população das cidades. Com isso, a escrita desapareceu. A cultura letrada, como acontecia na Idade Clássica --servindo de instrumento de transmissão da cultura – caiu, cedendo lugar para a cultura profana vista como “símbolo sagrado, que o povo pode venerar, mas não entender”. (BÁRBARA GIOVANNINI APUD BARBOSA, 1994 p. 98).

Surge, então, uma escola monopolizada pela igreja Católica e destinada a ensinar a ler somente às pessoas que pretendessem seguir a carreira vocacional, ou seja, a igreja desenvolveu “escolas de ordenação e, graças a elas, alguma instrução chegou até os filhos dos colonos brancos e aos mestiços”. (GUIRALDELLI JUNIOR, 2006, p.25).

As crianças memorizavam e decoravam os textos bíblicos, sendo, dessa forma, instruídas. A idade Média ficou conhecida como período da escuridão, porque tudo era explicado pela fé em Deus (Teocentrismo), com isso, o homem não precisava pensar. A Igreja já pensava por todos em nome de Deus.

Nos mosteiros surgia mais um tipo de leitura, a silenciosa, que passou a ser difundida por toda a aristocracia laica, mas este tipo de leitura ficou muito tempo sob o domínio clérigo, pois os Bárbaros voltaram a atacar a Europa, fazendo com que a cultura escolar ficasse restrita aos mosteiros religiosos. Assim, “Até então, a Igreja Católica, convivia harmoniosamente com uma sociedade iletrada de tradução oral”. (BARBOSA, 1994 p. 103).

Entretanto, houve um rompimento neste estado de domínio da leitura restrito a igreja, quando Lutero criou ideias que marcaram desde o seu tempo até os dias atuais. Foi ele a primeira pessoa a pensar em uma educação para todos ao fazer a Reforma

Protestante. Ele queria que todas as pessoas pudessem ler a Bíblia sem o intermédio da Igreja. Lutero pensou também que a educação era direito de todos e que esta educação deveria ser gratuita, ou seja, uma obrigatoriedade do Estado.

A Igreja Católica ao ver o movimento crescer, lança a Contra- Reforma e uma ideologia de escola inseparável da educação cristã. Barbosa (1994, p. 103) afirma que “A história da alfabetização em massa talvez encontre suas raízes no embate que se estabelece nesses séculos, entre heréticos e a Contra Reforma”.

De início, o acesso à escola era restrito, apenas a classe alta – os dominantes – frequentavam a escola, já que o trabalho realizado pela classe popular não necessitava das habilidades de leitura e escrita. Havia uma separação entre o pensar e o fazer.

No mundo Contemporâneo, o capitalismo produziu a indústria que necessitava de trabalhadores que tivessem o mínimo de escolarização. “Diante da necessidade de responder às diferentes situações com que começa a se defrontar, situações para as quais a escrita orienta e informa, a população do século XVIII demanda por mais escolas”. (BARBOSA, 1994.p.107).

Aqui no Brasil, a industrialização começou de forma tardia, mas também necessitou de trabalhadores escolarizados. Em defesa dessa classe surgiu dentre outros pensadores, Paulo Freire, como um protagonista de uma pedagogia que recebeu vários nomes. [...] “uma educação comprometida com os problemas da comunidade, o local onde, de fato, ocorria a vida das populações marginalizadas”. (GUIRALDELLI JUNIOR, 2006, p.108).

Guiraldelli Junior (2006, p.18) explica que “o ideário freiriano insistia na ideia de que todo ato educativo é um ato político e que o ‘educador humanista revolucionário’, ombreado com os oprimidos, deveria colocar sua ação político-pedagógica a serviço da transformação da sociedade e da criação do homem novo”.

A ideia de alfabetização estendeu-se até as classes mais pobres. A grande indústria desloca o homem da zona rural para a cidade, este passou a atender a demanda industrial, e com isso ler e escrever se tornam fatores determinantes para o uso das máquinas no meio industrial.

A leitura era feita de forma elementar, os alunos tinham que memorizar de forma rápida, para atender aos interesses da classe dominante, mas,

A memorização mecânica da descrição do objeto não se constitui em conhecimento do objeto. Por isso é que a leitura de um texto, tomado como pura descrição de um objeto e feita num sentido de memorizá-la, nem é real

leitura nem dela, portanto, resulta o conhecimento do objeto de que o texto fala. (FREIRE, 1989, p.18).

A educação hoje busca promover exacerbadamente a autonomia intelectual e o que caracteriza o leitor, nos dias atuais, é a flexibilidade no ato de ler.

Feita estas considerações sobre a história da educação e do surgimento das escolas, vamos para os conceitos de leitura, visto buscar a compreensão de como ocorreu o processo de leitura no decorrer do tempo, visando entendê-lo nos dias atuais.

2.2 SOBRE OS CONCEITOS DE LEITURA: ALGUMAS REFLEXÕES

O conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, mas será que leitura se resume a isto? É necessário que haja uma desmistificação do ato de ler como decodificação do signo linguístico. “Decifrar obriga a ter um comportamento diante da escrita que é o oposto daquele indispensável para um bom leitor”. (BARBOSA, 1994, p.123). É preciso a atribuição de sentido, pois a leitura da palavra escrita, intrinsecamente está ligada a uma leitura anterior, de observação e compreensão do próprio mundo em que o leitor se insere. A leitura desse universo precede sempre a leitura da palavra e esta por sua vez, implica continuidade daquele, nos lembra Paulo Freire (1989).

Tal ideia aponta para a necessidade de acionarem-se os conhecimentos prévios ao leitor durante o ato da leitura, a fim de que se construa sentido sobre a mensagem veiculada. Cabe lembrar que essa leitura de mundo não se restringe à palavra escrita ou falada, mas conforme Martins (2007) pode abranger uma leitura de tempo e espaço, de gestos, de imagens e sons, bem como a leitura do olhar de alguém, do seu modo de vestir, entre outras percepções da realidade ao nosso redor. O ato de ler, portanto, não está restrito à palavra falada ou escrita, em diferentes mídias de informação. Segundo Barbosa:

A leitura se apoia, portanto, em duas fontes de informações bem distintas. Uma é fornecida pelo autor (registros gráficos sobre uma página), que chamamos de informação visual. É a informação que desaparece quando desligamos a luz ou nos afastamos do texto. A outra fonte de informação encontra-se no cérebro do leitor, que fornece informações não visuais, disponíveis e presentes mesmo quando os olhos estão fechados ou a luz apagada. (BARBOSA, 1994, p.116).

A leitura não se restringe também a livros didáticos, sem nenhum aprendizado duradouro, mas propicia um aprendizado que perdura como o traduzido por leituras desencadeadas no convívio familiar, pelos colegas, amigos e por contextos abertos a inúmeras outras maneiras de ler.

A leitura escolar quando restrita ao livro didático, não possibilita ao leitor a vivência de experiências do contexto pessoal e faz desta uma aprendizagem formalista e mecânica. De acordo com Martins (2007), a leitura dos textos escritos, além da decodificação da palavra, é um processo mais abrangente, pois envolve a compreensão de situações sensoriais, intelectuais, culturais, entre outras. Nesse sentido, conclui-se que o ato de ler é uma atividade extremamente complexa e abrangente.

Segundo Martins (2007), a leitura apresenta três níveis básicos: o sensorial, o emocional e o racional. O nível sensorial traduz um primeiro contato com o texto ou situação, o nível emocional leva o leitor a interpretação subjetiva que o nível sensorial trouxe, enquanto o nível racional busca a interpretação correta, a objetividade dentro da situação ou texto em leitura.

Como numa sequência lógica, a leitura sensorial antecede a emocional e esta antecede a racional. Mas é claro que cada ser humano tem uma maneira diferente de ler, de entender e interpretar os textos, pois cada leitor tem que descobrir, criar sua própria técnica visando aprimorar seu desempenho e não ter medo de carregar para a leitura quaisquer vivências anteriores (MARTINS, 2007). Desse modo, pode-se dizer que o ato de ler apresenta três momentos distintos: a decodificação, a compreensão e a análise crítica.

A respeito da compreensão crítica do ato de ler, Paulo Freire diz que:

[...] não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. [...] A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1989, p.11-12).

Para que a leitura não seja apenas mecânica e o leitor não se transforme em um analfabeto funcional, esta deve ser compreendida. A leitura só será considerada enquanto tal se depois da decodificação vier à compreensão para, finalmente, o ato de ler ser visto criticamente.

Outro fator essencial para a compreensão da leitura é a consideração da história cultural de cada leitor, pois se a leitura do mundo precede a leitura da palavra (FREIRE,

1989), o sentido a ser adquirido ao ler um texto nascerá de um sentido já existente em suas vivências, dessa forma, a leitura pode ser entendida como atribuição de sentidos ao que se lê, sendo o leitor considerado um sujeito ativo neste processo, não resumindo a leitura apenas a uma decodificação de sinais gráficos.

Freire deixou um legado valioso acerca desse tema. Ele vê a leitura da palavra ligada à leitura do mundo. Segundo ele, não se pode ensinar a ler uma palavra se não ensinar a ler o mundo. Não basta apenas, fazer leituras de textos para compreendê-los, é necessário compreender o mundo e assim aplicar um sentido a leitura, tornando-a significativa.

O processo de leitura não acontece de uma hora para outra, como nos lembra Martins, tem que ter treino, “o treinamento para a leitura efetiva implica aprendermos e desenvolvermos técnicas” (MARTINS, 2007, p.84). Além disso, “Um bom leitor geralmente se dispõe a correr um risco maior de erros. [...] Quanto mais o professor tem tolerância pelos erros, mais ele facilita a formação do leitor. Errar é uma condição para aprender (e para ler)”. (BARBOSA, 1994, p.120).

Portanto, é vivenciando a leitura nos acertos e também nos erros, que se aprende a ler. Não há como forçar ninguém a praticá-la, como também não há como acelerar o seu ritmo. O que pode ocorrer é a motivação para desenvolver no leitor as competências de leitura.

É importante que, na escola, o professor envolva o cotidiano dos educandos nas práticas de leitura, possibilitando momentos prazerosos de leitura para que o indivíduo se torne um bom leitor, sendo isso fundamental para termos um futuro melhor.

2.3 O QUE É LEITURA.

Quanto mais cedo as histórias entrarem na vida da criança, maiores são as chances de ela gostar de ler, dessa forma faz-se necessário promover a aproximação entre os alunos e o texto.

O ato de ler é um processo abrangente de compreensão e interpretação da realidade. Nesse sentido, o entendimento da leitura ocorrerá quando se fizer uma compreensão entre o texto e o contexto. A leitura não é realizada apenas em salas de aula nas escolas, mas também, no dia a dia. Martins (2007) nos lembra que leitura não consiste apenas em decifrar palavras. Quantas vezes nos deparamos com expressões

como “ler cartas”, “ler a mão”, “ler o olhar de alguém”, “ler o tempo”, indicando com isso que a leitura é uma forma de atribuir significados às experiências e que o ato de ler não se restringe a decodificar sinais, ele vai além da escrita.

Desde o nascimento, a criança já aprende a fazer a leitura do mundo em que está inserida, atribuindo sentido a tudo que lhe rodeia. Dessa forma, pode-se afirmar que aprendemos a ler também, a partir do nosso cotidiano, quando o compreendemos e o interpretamos. Sousa (1992, p 22) define que a:

Leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjugação de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade.

A leitura é um ato de atribuição de significado ao que se lê. “Esta atribuição de significados depende do que o leitor já conhece sobre o assunto, das informações não visuais de que dispõe, do seu interesse e das questões que se coloca.” (BARBOSA, 1994, p.118). Com isso, percebe-se que ler é entender, interpretar, debater, comparar, analisar, atribuir sentido a uma determinada situação.

As crianças vão formulando suas próprias hipóteses sobre a natureza do mundo que as cerca. Nesse sentido, a escola deve considerar a história particular de cada aluno, no processo de ensino, pois nem todos trazem as mesmas experiências de vida.

A criança vinda da classe popular chega à escola com conhecimentos restritos a respeito da linguagem. Isto se atribui à ausência ou ao pouco contato com materiais de leitura no seu ambiente familiar. Sem dúvidas, ela encontra barreiras, no que diz respeito ao ato de ler.

Uma criança que tem a leitura como experiência do contexto pessoal, a partir dos conhecimentos adquiridos com a vivência do real, dispõe de muito mais facilidade de desenvolver a leitura, a oralidade e a escrita, do que uma criança que apresenta precárias condições de sobrevivência, tanto material como cultural.

Portanto, é necessário compreender o contexto sociocultural em que uma mensagem é veiculada e efetivamente atribuir sentido ao que a criança lê, assim,

Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que se nos apresentam- aí então estamos procedendo leituras, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa. Essa seria, digamos, o lado

otimista e prazeroso do aprendizado da leitura. Dá-nos a impressão de que o mundo está ao nosso alcance; não só podemos compreendê-lo, conviver com ele, mas até modificá-lo à medida que incorporamos experiências de leitura. (MARTINS, 2007, p. 17).

Para Barbosa (1994, p.119), “[...] não se ensina a criança o que se ler, porque a leitura não é um saber, mas sim uma prática.” Portanto, é lendo que a criança aprende a ler.

A leitura nos serve como matéria prima para a resolução de problemas. Efetivamente, estamos procedendo à leitura, quando começamos a compreender, dar sentido as coisas que nos rodeiam, descobrir seus significados, e quando começamos a organizar todos os conhecimentos adquiridos e estabelecer relações entre eles.

Se cada pessoa ler o mundo de acordo com as suas experiências de vida, então o conceito de leitura está ligado à formação e à transformação do ser humano. Enfim, a leitura é uma das melhores maneiras de se adquirir conhecimento, quando realmente há um desejo, uma vontade de conhecer. Sendo assim,

A leitura, mas cedo ou mais tarde, sempre acontece desde que se queira realmente ler. Acima de tudo, precisamos ter presente que se não conseguimos, de vez, dar o pulo do gato – bem que se continue andando ainda um pouco, pois não é pecado caminhar. (MARTINS, 2007 p.87).

Se até há algum tempo atrás, as pessoas inseridas na escola tinham o objetivo de pelo menos serem alfabetizados, hoje, há uma necessidade maior de escolarização. A leitura e a escrita estão presentes em tudo o que fazemos no cotidiano, com isso, é importante que a criança tenha acesso à leitura o quanto antes, como também o contato com o livro, para que possa vivenciar a narrativa e assim atribuir significados a ela.

Logo, os pressupostos teóricos apresentados até este momento, colaboraram e muito para a realização desta pesquisa que busca investigar como acontece a aprendizagem da leitura nas séries iniciais, a partir das metodologias desenvolvidas pelo professor em sala de aula.

SEGUNDO CAPÍTULO

3. O ENSINO E A APRENDIZAGEM DA LEITURA

3.1 UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DA LEITURA

Neste capítulo discorrerei sobre a prática pedagógica na escola. Apresentarei aspectos relevantes sobre o processo de ensino e aprendizagem da leitura no 1º ano, das séries iniciais, bem como, sobre os métodos utilizados pela professora da sala em estudo, com o objetivo de verificar se a sua metodologia de ensino estimula ou não o interesse e envolvimento das crianças.

Durante as observações realizadas no segundo semestre do ano de 2011, na Escola Estadual de Ensino Fundamental, na sala do 1º ano das séries iniciais, percebeu-se a complexidade do processo de ensino e o quanto este é falho. Esta sala tinha 17 alunos na faixa etária entre seis e sete anos de idade e a observação durou uma semana.

As aulas, nesta turma, eram e ainda continuam sendo ministradas neste ano, por uma professora de cinquenta anos e que atua na educação há vinte e nove. Ela leciona na turma do 1º ano, desde que acabou a Educação Infantil mantida pelo Estado, pois antes, ela ensinava a crianças desta modalidade de ensino.

Posso dizer que durante a semana em que observei, não ocorreram grandes mudanças na metodologia empregada pela professora S.D.G. Ela seguia uma rotina que se repetia quase todos os dias. A cada dia, a aula era iniciada com um pequeno texto, lido em voz alta pela professora, que depois o escrevia no quadro. Os alunos faziam uma leitura de forma repetitiva junto com ela, em seguida esse texto era transcrito para o caderno pelos alunos. Feito isso, a docente relacionava o texto com outras disciplinas como: matemática e ciências naturais. Após esse estudo oral, os alunos copiavam novamente uma atividade de interpretação textual que era respondida com a ajuda da professora.

Em síntese, a leitura era uma atividade de rotina e repetitiva. Quase todos os dias a professora trazia um pequeno texto para ser desenvolvido na sala de aula e utilizava a mesma estratégia de leitura: leitura em voz alta por ela, cópia do texto, que era escrito no quadro e depois transcrito e lido pelos alunos de forma mecânica.

Esta prática (uso) da leitura não é muito motivadora e não contribui muito para a aprendizagem da criança, pois não favorece a uma leitura significativa. Freire (1989, p.18) diz que: “Os alunos não tinham que memorizar mecanicamente a descrição do objeto. Mas apreender a sua significação profunda. Só apreendendo-a seriam capazes de saber, por isso, de memorizá-la”. Portanto, o ensino da leitura deve ser feito com uma interação significativa do que se lê com o meio em que vive, principalmente porque a criança observa muito a prática de leitura do adulto. Nesse sentido, os professores devem demonstrar prazer no ato de ler.

A leitura não se resume apenas a decodificação do código linguístico. Segundo Martins (2007), a leitura pode ser caracterizada de duas formas: como decodificação mecânica de signos linguísticos, que se dá através do condicionamento estímulo-resposta e como processo de compreensão abrangente. Percebe-se com isso, que a leitura realizada de forma mecânica não contribui muito para a formação de leitores críticos e nem para a construção de significados. O aluno que realiza esse tipo de leitura não consegue atribuir sentido ao que lê.

Na semana em que observei a professora não trabalhou com diferentes tipos de gêneros textuais, para despertar o interesse das crianças. Percebi que os textos utilizados por ela não chamavam a atenção dos alunos, que se dispersavam com desenhos ou folheando livros de historinhas, sem muito êxito, pois quase sempre eram impedidos pela professora.

Importante ressaltar que a metodologia relatada não segue as orientações contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais. De acordo com estes, para aprender a ler, “é preciso interagir com a diversidade de textos, testemunhar a utilização que os leitores fazem deles e participar de atos de leitura de fato” (BRASIL, 1998, p.56).

Nesse sentido, trabalhar com a diversidade textual é trabalhar a aquisição da leitura e contribuir para o desenvolvimento de bons leitores. Para isso, é necessário escolher textos que estejam relacionados com a realidade dos alunos, e assim despertar o interesse para que o aluno se envolva e interaja no decorrer da aula. Para De Pietre,

A escolha do texto exige, portanto, que o professor conheça quem é o aluno que se encontra ali, a sua frente na sala de aula. A escolha dos textos a serem lidos numa aula de leitura não pode ser feita antes de se saber quais são os conhecimentos que o aluno traz para o interior da escola. (2009, p.13).

Nesse sentido, se faz necessário realizar perguntas a respeito do conteúdo do texto a ser desenvolvido em sala de aula, para que se saiba quais conhecimentos que os alunos trazem sobre ele, atividade esta, que a professora não realiza.

Ainda nesse mesmo foco, pode-se dizer que é preciso oferecer aos alunos textos significativos e não apenas, a leitura realizada em livros didáticos, como as realizadas por esta professora durante as atividades em sala de aula. O uso da diversidade textual é uma estratégia muito importante para a aquisição da leitura, tornando os leitores capazes de se desenvolverem de maneira crítica e autônoma.

No que diz respeito à sala de aula, pôde-se perceber um ambiente alfabetizador com livros de literatura infantil ao alcance das crianças, num cantinho da sala, chamado de “cantinho da leitura”, cartazes com textos pequenos, um cartaz com o alfabeto e jogos com letras a disposição dos alunos, que os utilizavam de forma aleatória, sem um planejamento específico da professora para trabalhar com esse tipo de material, já que suas aulas não apresentavam este material de apoio.

Nesta escola, as salas de aula são amplas e arejadas, possuem duas janelas cada uma, dois ventiladores que são acionados na própria sala, tendo os alunos acesso aos interruptores, o que é visto como um ponto negativo, pois sabemos da necessidade de uma atenção maior às crianças nesse sentido. Muitas vezes a aula foi interrompida pela necessidade da professora chamar a atenção do aluno para o cuidado com esse tipo de material.

Ao terminarem a atividade passada pela professora, as crianças se dirigiam ao cantinho da leitura e escolhiam um livro para folhear, fazendo a leitura das imagens e construindo seus próprios textos, por meio da imaginação, até serem repreendidos pela professora, pois eles ficavam muito agitados, trocavam ideias com os colegas sobre os desenhos e o que seriam as histórias, no entendimento deles. Mas, segundo a professora, isso tirava a atenção de quem não havia terminado ainda a atividade e dificultava a ordem e a disciplina.

Entendemos que essas histórias poderiam ser contadas de diferentes maneiras, além de oralmente e em voz alta como fazia a professora, ela também poderia usar estratégias como a dramatização da história, teatro de bonecos, cineminha, montagem com gravuras, entre outros. A leitura em voz alta é importante, pois permite que a criança identifique a palavra escrita e descubra que se lê também nas letras e não apenas nos desenhos, porém, é necessário tornar as atividades de leitura, algo prazeroso.

Os alunos precisam da referência de bons leitores e para isso é importante a professora realizar a leitura em voz alta para eles, no entanto, a professora observada lia diariamente para seus alunos, mas não escolhia textos diversificados, compatível ao interesse da turma e nem buscava atender às necessidades da realidade daquele momento. Os textos eram utilizados para decodificar vogais e consoantes em cada palavra. De acordo com Barbosa:

Lançamos mão de estratégias de leitura diferentes para apreender as informações contidas nos diferentes textos, e nosso interesse nas informações e o objeto desejado vai determinar o tipo de leitura a ser feita. Essa flexibilidade atenção, as várias formas de ler para apreender o sentido dos textos, é fundamental para o homem e sua adaptação ao mundo moderno. (1994, p.115).

Neste sentido, a decodificação é apenas um dos procedimentos que utilizamos para lê, mas leitura é, também, desvendar o sentido do texto de forma significativa.

Em um primeiro momento, estranhei a maneira como ela ministrava aulas para desenvolver habilidades de leitura, mas depois percebi que ela utilizava os textos sempre do mesmo livro e que já trazia prontas as questões e as respostas para a atividade de compreensão e interpretação textual.

Com isso, o gosto pela leitura era afastado dos alunos, porque as interpretações não os estimulavam a pensar, e nem a dar sua opinião sobre as histórias. Pelo contrário, as crianças se sentiam desestimulados pela leitura. Para De Pietri (2009, p. 53), o livro didático “ele se caracteriza por trazer prontas as questões e as respostas de compreensão e interpretação dos textos, como se elas fossem às únicas corretas e possíveis”.

Martins (2007) concorda com De Pietri (2009) quando afirma que ao utilizar apenas o livro didático,

Encobre-se desse modo, o receio a um diálogo franco e crítico, entre o professor e o aluno e de ambos com seu material de trabalho, bloqueando oportunidades raras de realizarem-se leituras efetivas, consequentes, de se desenvolverem verdadeiros leitores. (2007, p.26-27)

A Escola não adota um livro didático, utiliza-se de projeto. No entanto, observei que as atividades passadas pela professora eram sempre de um mesmo livro e ela acabava inibindo a criança de pensar, já que a interpretação já vinha pronta.

Assim, conclui-se com base nas teorias, que se o professor não oferecer leituras variadas irá formar um leitor que não sente prazer em recorrer a outras leituras que não sejam as didáticas. E ainda mais, não se sentirá estimulado para a leitura.

É necessário que haja um diálogo entre o leitor e o texto, para entendê-lo e assim a leitura ser efetivada. A cada leitura de um mesmo texto, este, sempre trará elementos novos para quem o lê. Sobre esta concepção, Barbosa diz que:

Não existe, portanto, componentes fixos e imutáveis na leitura, nem uma só maneira de ler que é a melhor em todos os casos. Existe, isto sim, uma variedade de leituras multiformes, adaptadas a intencionalidades diversas, cada uma representando a melhor resposta a uma determinada situação de leitura. (1994, p.115).

Percebe-se que o educador que cria condições de leitura para que o educando tenha a oportunidade de perguntar, explorar o texto, poder confrontar suas ideias com as dos colegas, e assim sentir vontade de registrar o seu entendimento, está criando “(...) condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta” (MARTINS, 2007, p.34).

O momento atual no qual se encontra o cenário educacional do nosso país impõe ao profissional de educação o desenvolvimento de habilidades que possibilitem uma melhor adaptação do aluno com as novas culturas e aos novos padrões de cultura social. Para isso, o educador tem que estar preparado para trabalhar em sala o conhecimento do todo, mas antes é necessário o conhecimento de si próprio. Percebemos que a professora desempenhava o seu papel de forma tradicionalista, utilizando a mesma metodologia todos os dias, seguindo à risca o planejamento passado pela 9ª Gerência de Ensino. Mas, o seguia de forma tradicional, não instigava o aluno a ler e escrever, somente a habilidade de cópia: letra cursiva, obediência à pauta do caderno, entretanto, não sabiam ler o que copiavam.

Referindo-se a relação entre professor/aluno, a mesma acontecia de maneira em que os alunos eram submissos à autoridade do professor, não tendo a liberdade de expressão, muito menos de intervir no conhecimento adquirido na sala de aula. As crianças não podiam eleger suas leituras prediletas, não podiam folhear os livros de historinhas que ficavam à disposição no “cantinho da leitura”, para reproduzi-las oralmente, como se estivessem lendo, enquanto aguardavam às demais crianças que demoravam em retirar a atividade do quadro; não podiam desenhar expressando

livremente seu processo de representação do mundo interior e exterior. Elas tinham que permanecer sentadas, aguardando que todos terminassem a atividade para a aula prosseguir.

As tarefas eram desenvolvidas da seguinte maneira: antes do recreio era feita uma atividade de Português no quadro branco, que consistia num texto e um exercício relacionado com o mesmo, que os alunos transcreviam para o caderno. Num segundo momento, após o recreio, a atividade era de matemática seguindo a mesma metodologia, sendo que a professora em sua exposição do conteúdo fazia uma interligação com outras disciplinas. Dessa forma, as aulas seguiram durante os cinco dias de observação.

Vale salientar também que era feita uma atividade para ser resolvida em casa, no entanto, as mesmas voltavam sem terem sido feitas, o que mostra a dificuldade de contar com o acompanhamento/contribuição da família para com a aprendizagem dos educandos. A professora atribuía isso à baixa escolaridade dos pais.

A docente sempre pronta a resolver essas questões, (acompanhamento da família no que diz respeito às atividades de casa e a ausência desta na escola), reclamava, mas não deixava de orientar. Porém, é necessário algo mais, despertar o gosto pela leitura é fundamental para que o aluno desenvolva maneiras eficientes de resolver situações práticas. Em suas aulas não era feito o uso de tecnologia. Outro ponto analisado e bem preocupante é que os alunos não sabem ler, apenas transcrevem do quadro, o que, segundo a professora, dificulta o seu trabalho.

Durante a semana de observação, somente no dia 22 de setembro, a professora planejou uma aula diferente. Ela trouxe para a sala um boneco de papel com partes articuladas, usado para explorar as partes do corpo humano.

De início, envolveu os alunos de forma a contagiá-los, com movimentos nos braços, dedinhos e cabeça. Eles foram instigados a falarem o nome dos dedinhos e uma das crianças serviu de modelo para fazer o desenho do corpo humano.

A ideia do desenho deixou as crianças empolgadas e agitadas. Todas queriam ao mesmo tempo, participar da atividade que consistia em desenhar e escrever cada parte do corpo (olho, nariz, boca, orelha, umbigo e etc.). As crianças não respeitavam umas às outras e a professora sempre intervinha alterando a voz para manter a ordem. Percebi que os alunos, na hora da escrita, só conseguiam fazê-la quando olhavam para o modelo (boneco de papel exposto na parede). Dessa forma, as crianças se sentiram estimuladas a participar da aula, a fazerem descobertas, a questionar. A leitura também deveria ser

significativa assim, de modo a despertar o interesse da criança, desenvolvendo assim o gosto de ler. Segundo De Pietre,

Questionar o papel desempenhado pelo professor significa questionar a responsabilidade que ele assume nas decisões sobre que práticas realizarem em sala de aula. Em relação ao ensino da leitura, essa responsabilidade diz respeito aos modos como o professor promove a mediação entre leitor e texto. (2009, p.14).

Coloca-se em questão, portanto, os modos como esta professora trabalha os textos, pois nessa mesma aula, foi observado que as crianças ao realizarem uma atividade de leitura com metodologia diferente ficaram muito agitadas, inquietas e muitas vezes entraram em conflitos, pois não havia um bom relacionamento entre os colegas. As relações que envolviam aluno/aluno eram marcadas pelo imprevisível. Sem mais nem menos, eles se “estranhavam”, então tudo era motivo para brigas e palavrões.

Ao se deparar com essas situações (conflitos entre as crianças), a professora preferia mantê-los sentados em seus respectivos lugares (nas carteiras enfileiradas), transcrevendo para o caderno o texto escrito no quadro, ao invés de continuar a aula tentando melhorar não só as relações interpessoais entre elas, mas também a aprendizagem. Essa era uma tática encontrada pela professora para evitar os conflitos em sala de aula.

No que diz respeito às relações interpessoais, Antunes postula que:

Muitas vezes, ao começar nosso dia na escola, não imaginávamos que, naquela sala, iríamos deparar com situações inesperadas, circunstâncias específicas que nos impunham uma “mudança de rota” em nome do apelo para uma reflexão sobre relações interpessoais... Mas, mesmo considerando a importância dessas reflexões e dessas ações que envolvem as relações, para uso eventual em circunstâncias imprevisível e imaginada, é essencial que o profissional encarregado de fazê-las mostre-se extremamente preparado e com aguda sensibilidade para perceber o oportunismo do momento e tenha domínio das estratégias de execução. (2010, p.15).

No primeiro dia de observação, a professora S. D. G relatou que “*esse jeito agressivo que eles tinham, era devido ao convívio familiar*”. Alguns eram filhos de pais com baixo nível de instrução, outros eram filhos de pais separados que viviam brigando, outro era filho de prostituta, outro era criado pela avó, juntamente com outros netos e sem nenhuma condição financeira favorável, outros presenciavam brigas constantes entre os pais e assim por diante.

Segundo Martins (2007, p.19), “A psicanálise enfatiza que tudo quanto de fato impressionou a nossa mente jamais é esquecido,[...]”. Assim, as relações interpessoais trazidas de casa podem exercer influência sobre o relacionamento entre aluno e aluno como também, entre aluno e professor e que estas devem ser trabalhadas com o propósito de descobrir estratégias com ações integradoras entre todos de modo a buscar a convivência respeitosa.

A maneira como ela explicava o comportamento agressivo que as crianças apresentavam remetia a fatores que influenciava na personalidade deles e estes estavam relacionados à forma como eram tratados no convívio familiar e como eles se relacionavam uns com os outros. Nesta perspectiva, Antunes afirma que:

Certamente, o poeta paraibano Augusto dos Anjos, não errou quando disse que “Quem nesta terra miserável vive entre feras, sente o inevitável desejo de também ser fera”, mas sua poesia pode simbolizar mensagem científica que a educação pode incorporar: Cabe aos professores, com paciência, persistência, objetividade, coerência e conhecimento, sobretudo se trabalhados desde a infância, silenciar desejos de ferocidade”. São apenas duas letras “Ps”, duas letras “Cs”, separados pela letra O. (2010, p.19).

Conclui-se, então, que devemos proporcionar às crianças momentos e condições para sua formação pessoal, física, psíquica e emocional. Apesar de todas as dificuldades existentes ocorre interesse e aprendizagem na medida do possível. A relação entre aluno e professor, às vezes ficava estremecida, mas, havia carinho de ambas as partes, no entanto, a relação entre aluno e aluno era mais preocupante, pois eles não se respeitavam e brigavam muito.

3.2 ANÁLISES DE UMA PRÁTICA

Tendo em vista o aprofundamento dos dados, realizei uma entrevista aberta, com a professora S. D. G, em que foram direcionadas vinte questões para analisar os saberes e conhecimentos acerca do processo de leitura. Também pedi que a professora relatasse a rotina de uma aula em que são trabalhadas atividades de leitura.

Ao ser questionada a respeito da sua formação, a professora apresenta uma realidade que ainda é encontrada na educação contemporânea, sua formação é apenas em nível médio: “*Só o pedagógico*”. O que contradiz a própria legislação em vigor, visto que em 2001 foi sancionada a lei nº 10.172, que previa a permanência em sala de

aula, deste tipo de profissional, somente até 2011. A professora segue apenas com os cursos de capacitação oferecidos pelo Estado, enquanto aguarda, segundo ela, complementação do tempo de serviço exigido pela Previdência Social para se aposentar.

Ao perguntar sobre a sua concepção de leitura, a professora apresenta um conceito pouco desenvolvido, limitando-se apenas a ressaltar a importância desta atividade. Em sua fala, ela diz que: *“Eu acho a leitura muito importante pra, pra, pra o ensino né, porque a parte principal é a leitura, não é? Eu acho, não é verdade?”*. Percebe-se que a sua concepção de leitura é bastante restrita e se traduz na sua prática, pois, constatou-se em sala de aula, que os alunos sabiam copiar, mas não sabiam ler e nem escrever. Segundo Martins (2007, p.04), “Sem dúvida, o ato de ler é usualmente relacionado com a escrita, e o leitor visto como decodificador da letra”.

Similarmente ao pensamento desta autora, durante os dias de observação na sala de aula da professora, foi constatado que ela também trabalha a leitura de forma a torná-la muito mais um subsídio para a escrita e a decodificação do código linguístico, do que uma atividade para a compreensão crítica do ato de ler. Freire (1989,p.11) argumenta que falar da importância do ato de ler é dizer algo do “processo que envolve uma compreensão crítica do ato de ler que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”.

Em relação à concepção de leitura, Martins (2007, p, 22) diz que:

Se o conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuação social, política, econômica e cultural.

Nesse sentido, concordo com Martins, pois é fundamental entender que a tradição de ensinar a ler, utilizando a rotina já conhecida, ou seja, vogais, consoantes, famílias silábicas simples, famílias silábicas complexas, palavras, cópias e ditados precisam ser revistos e melhorados, já que para efetuar a leitura de fato, é preciso atribuir sentido a ela e não apenas fazer a sua decodificação. Barbosa (1994, p.130) também afirma que “muitos professores ainda agem dessa maneira. E a fazem por acreditar que é assim que a criança aprende a ler: para esses professores, o mecanismo da leitura consiste na transformação do sinal gráfico em sonoro.”

Acredito que a professora colaboradora dessa pesquisa, também considera ser esta a melhor maneira de ensinar aos seus alunos, visto que, estes apresentam certa indisciplina e na perspectiva de obter ordem na sala de aula, ela os mantinha sempre ocupados, ao determinar a cópia dos textos escritos no quadro.

Sabe-se que a leitura é de fundamental importância para o aluno, mas “também é sabido que nenhuma metodologia de alfabetização avançada ou não, leva por si só a existência de leitores efetivos” (MARTINS, 2007, p.23). É preciso, que o leitor conquiste a autonomia e deixe de ler pelos olhos de outrem.

A professora ao ser indagada a respeito do desempenho dos alunos em relação à leitura pensou bastante e respondeu da seguinte maneira: *Eles gostam de ler, mas só que eles não sabem ler ainda porque está no início do ano. Porque você lê um texto e eles ficam só na decoreba, porque no 1º ano é assim... Só na decoreba não é? O desempenho deles ainda é fraco, porque estão no início. (sic)*

Percebe-se na fala da professora, que ela atribui um desempenho insuficiente da leitura aos seus alunos, mas relaciona isto ao fato de estar no início do ano e que no 1º ano a aprendizagem se dá através da “decoreba”. Importa ressaltar que nas aulas observadas, a professora trabalha com o método da silabação/sintético¹. Entretanto, segundo Barbosa, se uma criança tenta silabar um texto ele pode encontrar algumas dificuldades. Ele afirma que:

Se ler é compreender com os olhos, aquela criança que decorou a cartilha conseguiu acumular um capital de palavras que identifica visualmente; se ela encontra dificuldades em compreender o texto pode ser porque, em geral, os textos apresentados pelas cartilhas não tem sentido algum. São apenas amontoados de frases soltas, desligadas, preocupados apenas com a fixação das famílias silábicas, isto é, com a decifração e oralização da escrita. (BARBOSA, 1994, p.131).

Em relação ao desempenho das crianças ainda não ser considerado bom nesta fase em que elas estão iniciando o processo de leitura é perfeitamente entendido, pois ler é uma atividade muito complexa e requer descobertas, sem contar que a criança ao chegar à escola, já traz um conhecimento prévio e que este deve ser levado em consideração.

¹ A leitura é iniciada com as letras, palavras de acordo com o grau de dificuldade. Sílabas, palavras isoladas, e frases isoladas ou agrupadas. Parte do menor componente para o maior.

A respeito disso, Orland diz que:

Na realidade, em linguagem (e, logo, em leitura) não há grau zero assim como não há grau dez. Na dicotomia entre método de ensino e processo de aprendizagem, a escola se coloca como se o aluno não tivesse já instalado um processo de aprendizagem e ao propor, dentro de suas perspectivas e funções, um método de ensino, coloca o aluno no grau zero e o professor no grau dez. No entanto, assim como não se para de “aprender” a ler num momento dado (grau dez), também não há possibilidade de se reconhecer um momento em que se recomeça do nada (grau zero). Então o que a escola faz, ao supor o grau zero, é utilizar um conhecimento prévio, que o aluno tem, sem explicitar essa utilização. Dessa forma esse conhecimento é ao mesmo tempo suposto e recusado, ou seja, desvalorizado. (1988, p.39).

Assim, nem nesta fase e nem em outras, as crianças devem aprender a ler exclusivamente, pelo método da “decoreba”. A criança deve ser estimulada a pensar a respeito da leitura como um todo e assim poder escrever e analisar a informação registrada. No entanto, a professora, em suas aulas, realizava a leitura utilizando o método da repetição e as crianças registravam a informação sem nenhum significado. Nesse sentido, deve haver “(...) uma relação dialética entre aprendiz e professor na construção do objeto de conhecimento, no caso presente, a leitura”. (ORLAND, 1988, p.40).

Ao perguntar sobre o tipo de gênero textual que a professora mais utilizava em suas aulas, ela ficou em dúvida sobre o que responderia, mas na medida em que a pergunta foi explicada e exemplificada, ela confirmou que trabalhava com os seguintes gêneros: “*música e poesia, parlenda também.*”.

Vale ressaltar que nos dias de observação, não foi constatado o trabalho com estes gêneros textuais. Isto pode ser justificado pelo pouco tempo de observação. No entanto, ela me apresentou um modelo de texto (em anexo no final deste trabalho) em que ela trabalhou a cantiga de roda – “O sapo”. Pode-se constatar que eram realizadas atividades de leituras pela professora entrevistada, mas ela não diversificava os gêneros textuais. Contudo, reconhecendo a importância da leitura, vale ressaltar o quanto é importante o professor proporcionar aos seus alunos leituras significativas, tornando assim o ato de ler prazeroso e não obrigatório.

A escrita está presente em grande parte das nossas atividades do dia-a-dia, então, nesse sentido, trabalhar com a diversidade de gênero textual na escola é de suma importância para o desenvolvimento da leitura. Assim lembra Foucombert (1994, p.10),

“A escola deve ajudar a criança a tornar-se leitor dos textos que circulam no social e não limitá-la à leitura de um texto pedagógico, destinado apenas a ensiná-la a ler”.

Nesta perspectiva Barbosa (1994, p.115) diz que “não se lê da mesma maneira um folheto de divulgação, uma receita culinária ou um livro de literatura.” Segundo ele, é preciso compreender o que é leitura e como os alunos aprendem a ler para melhor desenvolver atividades de leitura.

Com relação ao uso do livro didático, a professora diz: “*não, eu não sigo não, eu sempre pego vários, porque agente trabalha com projetos. O projeto já vem os conteúdos prontos, só pra gente desenvolver.*” (sic). Este seria um dos pontos positivos citado pela professora, já que o livro didático mostra ou traz uma realidade distante da realidade encontrada em sala de aula e o trabalho com projetos favorece uma leitura que proporciona a “uma conjunção de fatores pessoais, com o momento e o lugar [...]” (MARTINS, 2007, p.09). Em conformidade com o depoimento da professora, ressalta-se a opinião de Martins (2007) no que diz respeito ao uso dos livros didáticos, quando ela se refere a eles como livros que apresentam falsas verdades e com a intenção de manipular a leitura.

Assim, procurar outros caminhos que não seja somente o livro didático, para atender as necessidades educacionais dos alunos parece ser o mais adequado nos dias atuais, já que as novas tecnologias, como vídeo, computador e o uso da internet, que por sinal são encontrados na escola em que realizei a pesquisa, colaboram muito para dinamizar e acelerar o processo de ensino e aprendizagem.

Nesta mesma ótica, visto que a professora diz não trabalhar com o livro didático, ela tem a oportunidade de escolher os textos a serem trabalhados em sala de aula além de trazer leituras que estão mais propriamente ligada ao dia-a-dia do aluno, como por exemplo: revistas, receitas, bulas cordéis, poesias e etc. Estes textos deveriam apresentar um grau de dificuldade relacionado com o grau que a turma apresenta. Em outras palavras, Perini esclarece que:

Acredito que os textos deveriam ser organizados quanto a sua dificuldade de leitura, de modo que um texto de terceira série fosse significativamente mais simples do que um de oitava série, ou um de nível universitário. Um problema imediato que se apresenta é que não é em absoluto óbvio o que constitui a dificuldade de um texto. (PERINI IN ZILBERMAN E SILVA, 1998, p.82).

O discurso da professora deve estar em consonância com a prática cotidiana, mas segundo Orland (1988, p.43), a realidade das escolas, mostra o contrário. Ela diz que: “Atualmente, a leitura ideal do professor está amarrada àquilo que é fornecido pelo livro didático. Ou seja, o professor orienta-se por aquilo que é fornecido, pronto-a-mão, no livro de respostas do livro didático”.

Em geral, portanto, o material que chega às mãos dos alunos, para serem trabalhadas as atividades de leitura e de escrita, está constituído de textos didáticos que muitas vezes não apresenta uma realidade condizente com a dos alunos. No caso estudado, a professora diz não trabalhar com o livro didático, mas segundo ela, pega textos de vários livros, o que implica dizer que não há um livro didático específico adotado por ela ou pela escola, mas utiliza outros livros, que não deixam de ser didáticos.

No que diz respeito à forma como a professora trabalha a leitura na sala de aula, esta relata que trabalha: *com música, né? Com textos, né?*”.

No entanto, mesmo dizendo que trabalha com música, nos dias de observação não foi constatada isso, como também não foi observada a utilização da sala de leitura, apenas foi verificado o trabalho com textos, utilizando características da teoria tradicional, tais como a cópia destes e a decodificação de cada palavra apresentada no texto.

Ao perguntar a professora se ela sentia dificuldades em trabalhar a leitura com seus alunos, ela disse que “*sim*” e atribuiu as dificuldades ao fato de eles não saberem ler ainda e respondeu da seguinte forma: “*Sinto assim, porque eles não sabem ler ainda, o problema é esse, que eles não sabem ler ainda.*”. Essa dificuldade, embora comum nas séries iniciais, faz parte do processo de ensino e aprendizagem, uma vez que os alunos acabaram de adentrar o ensino fundamental no entanto, para formar crianças leitoras, o professor também deve gostar de ler e sentir prazer, assim as crianças poderão sentir-se motivadas e desenvolver o gosto pelo ato de ler.

Concordo com Kleiman quando fala que a realidade da leitura, na escola e fora dela, pode contribuir para o fracasso na formação de leitores. A autora se refere:

Ao lugar cada vez menor que a leitura tem no cotidiano do brasileiro, à pobreza no seu ambiente de letramento (o material escrito com o qual ele entra em contato, tanto dentro como fora da escola), ou ainda, a própria formação precária de um grande número de profissionais da escrita que não são leitores, tendo, no entanto, que ensinar a ler e a gostar de ler. (1998, p, 15).

Então, para tentar sanar essas dificuldades a professora é acompanhada pela coordenadora semanalmente, quando é realizado o planejamento da escola. Ao analisar os resultados alcançados e o seu replanejamento, a professora afirma que há exceção, que nem todos conseguem alcançar os resultados e que para melhorá-los ela faz diferentes atividades, para atender tanto os que já sabem ler, como os que ainda não sabem. Na sua fala ela diz que: *“não todos, né. Porque tem exceção, porque tem uns que atingem e outros não, então faço atividades diferenciadas até eles atingirem o nível”*. É interessante ressaltar que nas aulas observadas a “diferenciação” das atividades se refere à escrita do alfabeto, vogais, e famílias silábicas simples, como comprovam a atividade anexada no final da monografia.

Pode ser difícil trabalhar com estratégias de ensino da leitura diversificada, mas a verdade é que o professor deve seguir o grau de dificuldade que o aluno apresenta. As crianças não são homogêneas, portanto não deveria se trabalhar da mesma forma com todas elas. Sendo assim, inquestionavelmente, as estratégias diversificadas utilizadas pela professora para alcançar êxito nos resultados seria de grande valor, se estas fossem adaptadas as diversas intencionalidades de leituras, isto é, se apresentassem estratégias específicas de leitura fazendo previsões, perguntas, comentários, explicações, dentre outras. Assim, “evitando abordagens rígidas, fixas, previsíveis, estaremos demonstrando na prática que a leitura é uma atividade individual, singular até na maneira de ler, pois o que queremos da leitura determina como faremos essa leitura” (KLEIMAN, 1998, p.29).

Outro aspecto observado em sala de aula é que a professora trabalha com seus alunos numa perspectiva de conhecer a família e assim entender as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelas crianças. O que mais me chamou atenção foi o fato da educadora se preocupar em pesquisar sobre a família dos alunos e assim verificar os possíveis fatores que interferem na aprendizagem de cada um. Isso fica claro em conversa informal com a professora, mencionada anteriormente. Dessa forma fica mais fácil a professora entender o comportamento das crianças.

Portanto, a professora compreende que é relevante levar em consideração o ambiente em que vive a criança, pois este influencia e contribui significativamente para o desenvolvimento do ser humano, principalmente no que diz respeito à formação de hábitos e valores. Visto que, nesta fase inicial, a criança aprende também por imitação,

então, se no ambiente familiar os pais são bons leitores, o que não acontece com as crianças em estudo, estas podem desenvolver com mais facilidade o processo de leitura.

Vale destacar que as respostas dadas pela professora as questões até o momento, mostram que não há tanta contradição do trabalho desenvolvido em sala de aula e o que diz na entrevista a respeito do seu trabalho. Pode-se inferir pelo que diz e faz que a professora não concebe a leitura como uma necessidade social, mas, como decodificação do código linguístico.

Tentando compreender um pouco sobre a relação que a professora tem com a leitura, foi questionado sobre a época de estudo dela, no que se refere ao Ensino Fundamental, mais precisamente, quais eram as lembranças que ela tinha sobre os livros, se ela gostava de ler ou não neste período. Ela pensou bastante, tentando se lembrar de algo significativo, mas respondeu que *“Eu lia mais o que os professores botavam pra ler, era um livro pra três pessoas. Não podia ler muito para não rasgar os livros.”* Ela mencionou também que gostava de ler *“mais ou menos.”*

Neste caso, pode-se inferir que a maneira como ela ensina a leitura em sua sala de aula pode ter influência de como ela aprendeu a ler. Devo lembrar que a professora tem cinquenta anos e na época em que ela aprendeu, era utilizada exclusivamente a metodologia de decifração de palavras, o que não estimulava muito o prazer para aprender.

A respeito da relação com a leitura em sua formação docente, a professora relatou: *“os professores só faziam leitura nos livros, não tinha isso de copiar textos”*.

Em decorrência da escolha por ser professora ter acontecido há muito tempo (aproximadamente trinta anos), a professora relata que a sua concepção de leitura nesta época era a seguinte: *“já faz tanto tempo que eu nem me lembro mais, naquela época eu não achava que a leitura fosse tão importante como agora, porque naquela época o que importava era aprender a ler e escrever o nome, não é como agora.”*

Relatou também que muita coisa mudou desde a época de sua alfabetização, até sorriu e disse: *“saiu até a palmatória, se não aprendesse , era na base da palmatória, hoje houve uma mudança muito importante, pois as tecnologias são cada vez mais evoluídas, tudo muda, a gente é vivendo e aprendendo, né.”*

A professora enfatiza em sua fala que a maneira como ela foi iniciada na leitura, contribuiu para a sua prática pedagógica e para desenvolver o processo de leitura com os alunos. Ela relata que: *“com certeza, contribuiu porque pelo menos eu aprendi como é e continuei aprendendo nos cursos de capacitação. A gente consegue se capacitar.”*

A professora ao ser indagada sobre a sua prática cotidiana de leitura, se expressa da seguinte forma: *“Mulher... É leitura... Textos, livros e revistas, Nova Escola e tem um curso de capacitação que eles botam tanta coisa pra gente ler. A leitura lá é muito cobrada.”* A respeito disso, a professora revela que não tem tempo para leitura. Segundo ela: *“Eu só leio quando sobra tempo. Tempo eu sei que tem que ter, mas, tempo eu não tenho, eu não vou dizer que eu leio direto, porque eu só leio assim... quando tem alguma entrevista na Nova Escola. Que às vezes na capacitação, pra fazer projetos. Ai tem na Nova Escola. É assim... tempo eu não tenho.”*

Muito se fala sobre a escassez de leitura do brasileiro e para isso é atribuído fator determinante, “tempo”, mas quando este é planejado de forma organizada, sempre há um tempo para a leitura, principalmente quando se trata de um profissional docente. Embora já tenha mencionado vale ressaltar que para se ensinar a ler deve-se gostar de ler, deve-se fazer uso da leitura com frequência para se inteirar dos textos que circulam no mundo social e não apenas nos cursos de capacitação, como afirma a professora.

De acordo com as observações realizadas em sala de aula pode-se concluir que a professora colaboradora da pesquisa, ensina aos seus alunos em conformidade com o que aprendeu, isto é, utilizando uma metodologia tradicional que pode levar os alunos a um precário desenvolvimento na aquisição da leitura. Em sua fala, já mencionada anteriormente, revela possuir concepções um tanto restritas sobre o ensino da leitura, uma vez que, segundo ela, não dispõe de muito tempo para leituras o que pode ser considerado um dos fatores que influencia na metodologia trabalhada. Se a professora tem uma concepção e prática equivocada, restrita quanto ao ensino da leitura de texto e de leitura, como irá conseguir ajudar seus alunos a serem leitores?

Mediante o que foi apresentado acima, é válido ressaltar que o exercício da docência não deve estar limitado apenas à aplicação de conteúdos, mas deve estar pautado na reflexão da prática docente, na transformação social, em busca de um conhecimento crítico. Este conhecimento não está pronto e acabado, ele será construído através de aprendizagem progressiva. Então, nesse sentido, o ensino não deve ser um ato mecânico, mas pensado, refletido.

A seguir, apresentarei análise dos dados colhidos junto aos cinco alunos da sala observada.

3.6 A APRENDIZAGEM DA LEITURA NA ÓTICA DE ALUNOS

Através da observação, pode-se perceber que os alunos sempre estavam fazendo leituras nos livros que ficavam a disposição no “cantinho” da sala, intitulado “cantinho da leitura,” na perspectiva de dar vazão a suas curiosidades e desenvolver sua imaginação.

Sempre que podiam, eles pegavam os livros e ficavam lendo, do jeito deles, folheando e olhando as figuras, ainda que não decodificassem palavras e frases escritas, eles mergulhavam no mundo da imaginação e produziam histórias para as imagens contidas nos livros.

Assim, durante a entrevista, ao serem indagados se gostavam de ler, a maioria afirmou que gostava. Somente o A1 disse que gostava um pouco. Percebe-se que mesmo não sabendo decodificar o código linguístico, as crianças gostam de ler. Logo, compreende-se que a criança começa o processo de aprendizagem com a percepção da existência de coisas que o cercam e estão no seu convívio, tanto familiar como escolar, que servem para serem lidas, no caso das crianças entrevistadas, os livros escolhidos por elas, para serem lidos.

Segundo Martins, nós começamos a ler as coisas desde que nascemos:

Desde os nossos primeiros contatos com o mundo, percebemos o calor e o aconchego de um berço diferentemente, das mesmas sensações provocadas pelos braços carinhosos que nos enlaçam. A luz excessiva nos irrita, enquanto a penumbra tranquiliza. O som estridente ou um grito nos assustam, mas a canção de ninar embala nosso sono. Uma superfície áspera desagrada, no entanto, o toque macio da nossa pele, o cheiro do peito e a pulsação de quem nos amamenta, podem ser convites à satisfação ou rechaço. Começamos assim a compreender, a dar sentido ao que e a quem nos cerca. Esses também são os primeiros passos para aprender a ler (2007, p.11).

Dessa forma, a professora poderia aproveitar os momentos em que as crianças estavam lendo e produzindo suas histórias, para trabalhar com eles o letramento. Seria muito mais prazeroso e significativo combinar a reflexão dos alunos a respeito da história lida, com as práticas sociais e a escrita.

Outra questão colocada em foco foi sobre o que eles mais gostavam de ler. Está destacada, a seguir a posição dos cinco alunos: A1- *“Português, matemática e ortografia.”* A2- *“Inglês, historinhas, mas eu não sei lê, olho só os desenhos.”* A3- Pensou bastante e respondeu: *“eu gosto de ler historinhas, eu gosto de ler... as letras e*

tudo e de escrever também.” A4- “As consoantes, o bê-a-bá, o bê-e-bé...” A5- “palavras, historinhas”.

Percebe-se que os alunos 2, 3 e 5 gostam de ler historinhas e que o ambiente da sala de aula com o cantinho da leitura favorece a isso. A faixa etária em que as crianças se encontram favorece que elas realizem a leitura pela inferência de sentido do que ler. Neste caso, as imagens dos livros lhes permitem antecipar o desenrolar da história. Então, esse contato com os livros desde o primeiro dia em que a criança chega à escola se faz necessário, pois funciona como motivação para aprender.

Nessa perspectiva Foucambert diz que:

Desde o primeiro dia, o desenvolvimento cognitivo da criança se opera pela inferência do sentido de certos elementos de uma situação fortemente envolvente. A grosso modo, pode-se afirmar que a partir das situações nas quais interage, a criança cria um sistema provisório que lhe permite antecipar índices pertinentes para a classificação, a denominação, a ação... (FOUCAMBERT, 1994, p.06).

A criança 2 ao dizer que gosta de ler, mas não sabe ler, olha só os desenhos, quis dizer que faz a sua leitura através da inferência e atribuindo sentido ao que ver. Segundo Foucambert (1994, p.07), “Aos cinco anos de idade, o que a criança sabe fazer melhor - e que o adulto não consiga mais se quer imaginar! - é criar significado.”

Nesse sentido é função do educador mediar essa leitura de forma convidativa, de modo a promover a participação e a interação, promovendo o respeito pelo interesse das crianças, garantindo assim, que a leitura esteja associada ao prazer e não a uma obrigação, o que não foi constatado durante os dias de observação.

Durante a semana de observação, foi verificado um espaço adequado na sala de aula para as aulas de leituras, como já mencionei antes, mas só no que diz respeito à iluminação, ventilação e limpeza. A este espaço deveria incorporar a ideia de leitura como atividade dinâmica e planejada pela professora diferentemente do que observei nas aulas. Às vezes, a professora deixava as crianças folhear os livros de literatura infantil disponíveis no cantinho da leitura, apenas como forma de mantê-los distraídos com algo, enquanto aguardavam as demais crianças terminarem de fazer a atividade. Vale lembrar que essa leitura, nesse momento, era feita de forma aleatória, sem nenhum planejamento.

A escola oferece uma sala de leitura, também chamada de biblioteca, que apresenta um maior conforto para as crianças, mas a professora não frequentou nos dias em que fiz a observação.

As crianças 3, 4 e 5 afirmam que gostam de ler “*as letras*”, “*as consoantes, o bê-a-bá,*” e “*as palavras*” enquanto que a criança 1 afirma gostar “*de português, matemática e ortografia.*” Esse fato comprova a forma mecânica que a professora trabalha. As atividades realizadas em sala de aula, como comprovam os anexos. Não contribuem para solucionar questões da vida cotidiana e não oferece subsídio para que a criança desenvolva a habilidade de leitura de forma autônoma. Elas são realizadas de forma mecânica, decodificando primeiro as letras, depois a sílaba e por fim a palavra.

A respeito dessa concepção de leitura, Kleiman diz que:

Essa concepção dá lugar a leituras dispensáveis, uma vez que em nada modificam a visão de mundo do aluno. A atividade compõe-se de uma série de automatismos de identificação e pareamento das palavras idênticas numa pergunta ou comentário. Isto é, para responder a uma pergunta sobre alguma informação do texto, o leitor só precisa passar do olho pelo texto a procura de trechos que repitam o material já decodificado da pergunta. (KLEIMAN, 1998, p.20).

O que me chamou a atenção, nesse sentido, foi que mesmo realizando este tipo de atividade as crianças dizem que gostam de ler. Esse gosto poderia ser ampliado se elas fossem envolvidas por situações de leituras que possibilitassem o contato com variadas formas de informações, como internet, CD Room, filmes, obras literárias, teatro e entre tantas outras.

As crianças entrevistadas, geralmente pertencem a famílias de baixa renda, tem pais, que em parte não sabem ler ou são analfabetos funcionais, e elas provavelmente não têm contato com nenhum material de leitura no convívio familiar, restringindo assim, esse contato apenas à escola. Para essas crianças a leitura poderia parecer inútil, porque elas não conhecem o gosto de leitura em casa, no entanto, elas gostam de ler.

Cabe à escola desenvolver um ambiente em que a criança veja que tanto a leitura como a escrita estão presentes em muitas situações do cotidiano. Se a criança for motivada desde cedo, de maneira adequada, poderá adquirir o gosto pela leitura por toda a vida e assim se tornar um leitor crítico e reflexivo.

No que diz respeito à pergunta se a professora lia para eles, todas as respostas afirmam que lia, com exceção do A2 que falou: “*lia e lia historinhas*” e A5 acrescentou

que “*lia muito*”. De acordo com o que foi observado nesta sala, a professora fazia a leitura dos textos em voz alta e as crianças a seguiam repetindo-a. Talvez por isso, o A5 afirma que ela “*lia muito*”.

Sobre este aspecto Martins (2007, p.23) diz que:

Apesar de séculos de civilização, as coisas hoje não são muito diferentes. Muitos educadores não conseguiram superar a prática formalista e mecânica, enquanto para a maioria dos educandos aprender a ler se resume a decorar de signos linguísticos, por mais que se doure a pílula com métodos sofisticados e supostamente desalienantes. Prevalece à pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem se colocar o porquê, como e para quê, impossibilitando a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade.

Paulo Freire (1989, p.22) diz que “a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas uma certa forma de “*escrevê-lo*” ou de “*reescrevê-lo*”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática”. Na concepção de Paulo Freire, as palavras a serem estudadas no processo de alfabetização, deveriam fazer parte do universo da criança. A princípio isso faz sentido, porque facilitaria a inferência de significados, mas depois, as crianças vão construindo outros significados e descobrindo que o universo vocabular é bem mais amplo do que eles imaginavam.

Certamente, aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal. Paulo Freire traz essa questão do contexto quando relata que foi alfabetizado no chão do quintal de sua casa, embaixo das mangueiras, utilizando gravetos como giz e o chão como quadro negro. Segundo ele, aprendeu primeiro as palavras de seu mundo e os seus significados. Recordo Martins (2007, p.15) que ao dizer que quando começou a ler, vagabundeava pela biblioteca de sua casa e fazia de conta que estava lendo. “*seguia com os olhos as linhas negras em voz alta, tomando o cuidado de pronunciar todas as sílabas.*” Só depois entrou na escola, já também alfabetizada pelas palavras de seu mundo.

O professor precisa torna-se um leitor habitual, visto que as crianças aprendem também por imitação, por conseguinte, aprendem a ler vendo o gosto pela leitura por parte do professor. Entretanto, na entrevista, a professora mostrou não ser uma leitora habitual, mas apenas para atender às cobranças feitas nos cursos de capacitação. Além de uma queixa de falta de tempo para a leitura. Esta pode ser explicada pelo fato da professora ensinar nos três turnos: matutino, vespertino e noturno. Entende-se dessa forma, que há um grande volume de tarefas e responsabilidades que a docente assume todos os dias, e assim, não sobra muito tempo para a prática da leitura.

Não se discute a importância de uma aprendizagem significativa e um dos fatores que também contribui e muito – de forma significativa – para a construção do processo de ensino e aprendizagem é a afetividade. Assim, ao perguntar as crianças se elas gostavam da sua professora, rapidamente elas responderam afirmativamente. O que leva a supor que a professora tinha uma disponibilidade em apontar caminhos para a aprendizagem de maneira afetiva, ou pelo menos, os alunos gostavam.

Após indagar às crianças se gostavam da sua professora, lhes perguntei o “porquê”. Assim eles se expressaram: A1 *“Ela trata eu com amor”*; A2 *“Ah! Porque eu gosto”* (e deu um sorriso); A3 *“Porque sim”*; A4 *“Porque ela bota as tarefas no quadro, ela briga com nós...”*; A5 *“Ela é muito boa”*.

É notório compreender que as crianças entendiam que a professora ensinava-os na hora de ensinar, chamava a atenção deles na hora de chamar a atenção e os tratava com amor na hora certa. Tais argumentos parecem sugerir que apesar de apresentar vários limites em sua prática, a professora é uma referência afetiva para as crianças.

Outro fator a ser considerado igualmente importante, é o fato de que é preciso conhecer o meio em que a criança está inserida para se entender as suas atitudes e, assim, além de se preocupar com a dimensão cognitiva da criança, o professor deverá estabelecer uma boa relação com os alunos, dessa forma, estará contribuindo para o desenvolvimento da aprendizagem.

A professora, em uma conversa informal comigo, esclareceu que o convívio familiar da maioria de seus alunos é marcado pela “carência”. Eles vivem em um meio em que as brigas, a desestruturação da família, a pouca instrução e a concepção errônea de que estudar não ficou para pobres, são constantes. Diante disso, as crianças encontram na escola, uma realidade diferente e mesmo quando a professora, fala alto e chama a atenção para as suas ações indisciplinadas, eles afirmam gostar dela.

Com base no que foi dito acima, faz-se necessário que além de se trabalhar o aspecto cognitivo das crianças, deve-se trabalhar também as relações interpessoais, pois as crianças aprendem com as demais. Por isso, as relações entre elas devem ser desenvolvidas na perspectiva da imposição de limites, para que, desde cedo, possam construir o discernimento do que podem e do que não podem fazer, do que é correto e do que não é.

Sabe-se que o ser humano, se constrói a partir das relações sociais, portanto, somos resultados de uma construção familiar, escolar e social. Vivemos nesse processo

de construção e reconstrução do social. Se o meio social é perpassado pelas diversas relações sociais que existe, pode-se entender a escola, como um dos instrumentos de transformação efetiva da sociedade, auxiliando na modificação das relações sociais.

Assim, a professora sempre disposta a entender o comportamento, muitas vezes agressivo dos seus alunos, se propunha a pesquisar fatos do cotidiano que pudessem explicar tal comportamento. Informalmente ela relatou que a relação família/escola apresentava problemas, não por parte da escola que estava sempre pronta a receber os pais e a escutá-los, mas por parte da própria família, que muitas vezes, não se dispunha a estabelecer uma proximidade com a escola.

Com isso, as crianças carentes de carinho, se apegam a quem lhes proporciona isso, no caso, a professora (Essa carência foi constatada também, por mim, desde o primeiro dia de observação em que estas me rodeavam, me abraçavam e queriam estar perto de mim). Na ótica da professora, uma escola que caminha em parceria com a família consegue atingir com mais êxito os seus objetivos. Sendo assim, promover situações visando uma maior integração da família na escola, significa contribuir para uma melhor aprendizagem do educando, significa estabelecer uma prática pautada no diálogo entre todos que fazem parte da comunidade escolar e, a partir disso, desempenhar papéis importantes, tanto para diagnosticar possíveis problemas, como para resolvê-los.

Quando perguntei às crianças o que a professora fazia que elas mais gostavam. Como respostas disseram: A1 *“Faz tarefa”*. A2 *“Ensinar, estudar, ler...”* A3 *“Ela faz os textos pra min fazer e um bocado de coisa.”* A4 *“Eu gosto que ela lê”*. A5 *“Ela faz os textos e palavras e conta histórias.”*

Quando se trata de ensinar, a tarefa mais importante do professor é planejar de forma correta para chegar a resultados positivos. Diante dos relatos das crianças, percebe-se que elas gostam do tipo de aula que a professora faz, mesmo sem apresentar entusiasmo ao realizar as atividades (detectado durante a observação), elas afirmam gostar de escrever textos e palavras. Dessa forma, tanto o professor quanto aluno ganham muito mais se o cotidiano das aulas for bem planejado.

Mesmo que a professora siga uma rotina, quase sempre da mesma maneira, para o desenvolvimento das aulas de leitura, ela jamais conseguirá fazer todos os dias, tudo, sempre igual. Pode acontecer que uma pergunta vinda de um aluno, ou algum comentário relacionado ao assunto, ou ainda uma situação vivenciada por eles, mude o

rumo da discussão da aula. O que é considerado um fator positivo, pois comprova a participação ativa da criança na aula e a inferência de suas palavras mundo.

O melhor caminho para não haver muitas surpresas com os rumos que podem tomar uma aula é o planejamento. O professor só improvisa bem quando está seguro daquilo que foi planejado, pois a partir disto, ele tem a possibilidade de prevê as suas ações.

É muito difícil entrar na sala de aula e inventar uma boa aula. Mais ou menos dessa forma, aconteceu durante o primeiro dia de observação, realizado em março do ano corrente. A professora foi avisada que eu retornaria para concluir as observações, mas não sabia precisamente o dia. Ficou surpresa com a minha presença em sala de aula e na tentativa de improvisar uma boa aula, esta só começou às oito horas, depois de folhear vários livros, “a procura de um texto que fosse bom para àquele dia”.

O texto apresentado (em anexo) estava relacionado com o cotidiano das crianças, como falava de rato, todas as crianças tinha uma história para contar. Neste dia, a aula foi bastante prazerosa, pois a partir das situações apresentadas pelas crianças, a professora apresentou os perigos oferecidos pelo rato, no entanto, no texto trabalhado por ela aparecia repetições desnecessárias de letra e sons (no caso o fonema da letra “r”) numa tentativa de fixar o uso da letra “r” nas palavras.

Percebi, também, que a turma do ano de 2012 era mais disciplinada do que a turma do ano de 2011 e que dessa forma a professora conseguia desenvolver melhor suas aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para inovar é preciso conhecer, com isso temos que repensar a nossa prática pedagógica, pois a técnica fica obsoleta sem uma reflexão para suortá-la. É preciso estimular o prazer e fazer com que o aluno se sinta encorajado para aprender.

Mesmo que as crianças ainda não saibam ler e escrever formalmente, elas devem estar inseridas no mundo da leitura, podendo interagir com ele por meio dos diversos materiais adequados para a efetivação do ato de ler e também por intermédio do professor, quando faz a mediação através da leitura de textos de boa qualidade somados aos saberes prévios das crianças.

O educador deve estar atento para perceber o conhecimento que a criança traz de casa e assim relacionar o que ela já tem com o que a escola pode oferecer. A sabedoria que a criança traz consigo, já tem um significado para a sua vida, então, esses saberes devem ser somados e considerados na vivência escolar. Eles são de importância fundamental para a aprendizagem. Desse modo, ler é um ato em que o leitor processa inúmeras informações e assim pode acionar os conhecimentos prévios para compreender o significado daquilo que é lido.

Portanto, o resultado dos saberes das crianças não é imediato e nem homogêneo, nessa perspectiva, a diversidade existe e precisa ser respeitada. Os saberes dos professores são construídos na medida em que se teoriza e se pratica a docência. Nesse sentido, o ensinar é uma via de mão dupla, ou seja, uma troca de saberes. Dessa forma, na convivência diária com o aluno, o professor vai ensinando e aprendendo.

No caso da análise desenvolvida, se constatou que a professora investigada, apresenta saberes e conhecimentos práticos bem como teóricos, possivelmente, vinculados às diversas “vozes” - isto é, os seus vários professores, a família e ao contexto social em que estava inserida e que a constituiu no decorrer de sua formação. Ela, portanto, é resultado dessas várias aprendizagens.

Nesse contexto, as histórias passadas, contadas no presente não são mais do mesmo jeito, não tem o mesmo significado. Quero dizer com isso, que as coisas não acontecem linearmente, que os pensamentos antigos são também novos, quando aqueles são repensados e reconstruídos, dessa forma amplia-se um olhar para um conhecimento novo.

Sendo assim, vale mais uma vez ressaltar a reflexão sobre a prática pedagógica. Deve-se repensar o planejamento e trabalhá-lo na perspectiva de forma socializada, porque não existe uma sala de aula homogênea. É fundamental que possamos nos observar enquanto pessoa, nosso nível de competência e também nosso conhecimento.

Ficou explicitado na análise, que a professora é detentora de um conhecimento um tanto restrito sobre a compreensão de leitura e talvez por isso suas aulas não apresentam tanto estímulos e não sejam realizadas de maneira a despertar o prazer nas crianças. Mas, foi notório que as respostas obtidas na sua entrevista traduzem os conhecimentos adquiridos por ela, na sua prática em sala de aula e que estes parecem não estar fundamentados em teorias estudadas nos cursos de formação inicial e/ou continuada.

A respeito do processo de ensino e aprendizagem no que confere as práticas e métodos utilizados pela professora investigada, para a aquisição da leitura. Percebe-se certa dificuldade em relacionar estes pontos, pois a sua prática pedagógica possibilita a construção do conhecimento, do fazer docente, e, a partir dela, a professora vai adquirindo os saberes e experiências necessárias ao exercício da docência. No entanto, esta prática não possibilita uma compreensão teórica, logo, conclui-se que quanto mais tempo de experiência à professora tiver, mais aperfeiçoada estará à prática, porém, os anos de experiência por si só não garantem uma prática pedagógica competente.

É necessário que esta, esteja em consonância com a teoria. Assim este estudo constatou a presença de uma prática reprodutivista, que leva o aluno a repetir, sem refletir e sem relacionar a aprendizagem com o cotidiano. Cabe ao professor fazer a articulação entre a transformação da informação em conhecimento com o cotidiano de cada leitor. Este conhecimento possibilita a construção de significados para os textos trabalhados e dessa forma se tornar útil na vida social.

Nesse momento, não pude deixar de relacionar as respostas direcionadas a formação da professora e a prática, com o que ouvi de alguns colegas, no Curso de Pedagogia em relação ao estágio, “que na prática a teoria é outra”, e “que ser professor se aprende com a prática.” De fato, a prática é muito importante para o professor, mas, para que a atuação da docência seja de forma efetiva, precisa-se da teoria e da prática. Não existe método pronto, é preciso que o professor conheça-os para atender aos objetivos propostos.

Através da observação e entrevista pode-se compreender que o contexto em que a professora está inserida, se dedicando em tempo integral à educação e em sala de aula, torna bastante difícil esta, buscar uma concepção teórica para associar a sua prática, visto que seu tempo para leitura é restrito.

No trabalho realizado, fica explícito que há uma preocupação da profissional em formar leitores decodificadores do código linguístico, sem se questionar o porquê, o como e para quê se lê. Há uma resistência por parte dela em se adaptar as necessidades da criança, ou seja, ela espera que as crianças se adaptem à sua metodologia.

Ao contrário disso, as crianças relatam que gostam de ler e sentem vontade de aprender a ler e para tanto, fazem as tarefas propostas pela professora na perspectiva de lerem e compreenderem o que está escrito.

Questionada sobre a leitura, a professora tinha convicção da importância de ler, no entanto, não dedicava um tempo específico para esta atividade, pois reclamava da falta de tempo. Sendo assim, pode-se considerar que o fator tempo também influenciava no planejamento de suas aulas de leitura e por isso as aulas se seguiam todos os dias, quase do mesmo jeito.

A importância de ler para a criança reside em colocá-la em contato com as mais diferentes formas de escritas, consiste em desmistificar o ato de ler, colocando-o ao alcance da criança para que assim ela consiga desvendar os mistérios do ato de ler.

Dessa forma, concluí que a diversificação de gêneros textuais se faz necessária para aprimorar essa relação da aprendizagem escolar com a aprendizagem social. É preciso que as crianças tenham acesso a diferentes tipos de conhecimento para que sejam capazes de provocar mudanças na realidade tornando-se, assim, cidadãos críticos e reflexivos.

Através deste trabalho, aprendi ainda mais como devemos prosseguir a leitura em sala de aula e passei a refletir minha prática com mais frequência, procurando acertar o que antes achava que estava certo. Quando conhecemos a teoria e associamos com a nossa prática, o ensinar ganha um novo sentido.

Contudo, reafirmo a importância de realizar leitura de forma significativa e que a partir da realidade do aluno, o professor possibilite a construção de significados aos textos trabalhados, para que esses textos se tornem úteis no convívio social.

Observando os dados levantados e as inferências realizadas, acredito que os objetivos de pesquisa foram contemplados, sendo que a partir das reflexões feitas podemos pensar em novas maneiras de trabalhar com o ensino de leitura nas séries

iniciais, de modo mais dinâmico e envolvente, trazendo para a escola o universo particular dos alunos, para que estes a partir da leitura do seu mundo possam alcançar a leitura da palavra num processo dialético, como é apresentado por Freire.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **Relações interpessoais e auto-estima**: a sala de aula como um espaço do crescimento integral. 7 ed. RJ: Vozes, 2010.
- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- BRASIL, MEC. 1998. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: (1º a 4º séries). Brasília: MEC/SEF, português.
- COSTA, Keyla Soares da; SOUZA, Keila Melo de O. **O aspecto sócio-afetivo no processo ensino-aprendizagem na visão de Piaget, Vigotsky e Wallon**. Disponível em: <<http://www.educaonline.pro.br/art>>.
- DENZIN, N. K.; LINCOLIN, Y. S. – Hand book of qualitative research. London, SagePublication, 1994.643p.
- DE PIETRI, Emerson. **Práticas de leitura e elementos para a atuação docente**. 2 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.
- FERREIRA, Aurélio B de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1986.
- FOUCAMBERT, Jean. **As abordagens mediáticas**. A leitura em questão. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FREIRE: Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.
- GUIRALDELLI JR. Paulo, **História da Educação Brasileira**. São Paulo: Cortez, 2006.
- KLEYMAN, Angela. **Oficina de leitura**: teoria e prática. São Paulo: Pontes, 1998.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de e VIEIRA, Sofia Lerche. **Pesquisa Educacional: o prazer de conhecer**. 2 ed. Fortaleza. Edições Demócrito Rocha, 2002.

ORLANDI, Eni P. **A Polissemia da noção de leitura**. Discurso e leitura. Campinas, SP: Cortez, 1988.

PERINI, Mario A. IN ZILBERMAN & SILVA. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. Editora Ática, 1998.

PONCE, Aníbal. **A educação na comunidade primitiva**. Educação e luta de classe. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1985.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia**. 2 ed. São Paulo: Rêspel, 2003.

SOUSA, Renata Junqueira de. **Narrativas Infantis: a literatura e a televisão de que as crianças gostam**. Bauru: USC, 1992.

ANEXOS

Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do Projeto: Leitura Nas Séries Iniciais: limites e possibilidades.

Pesquisador responsável: Jozefa Pontes Pereira.

Eu (nome do participante da pesquisa) _____, residente na _____, fui informado(a) que este projeto trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, que tem como objetivo geral, analisar o processo de ensino e aprendizagem da leitura nas séries iniciais e como objetivos específicos, observar as práticas e métodos utilizados pelos professores para a aquisição da leitura nas séries iniciais, observar se as metodologias estimulam ou não o interesse e o envolvimento das crianças, identificar que tipo de leitura (gênero textual) é trabalhado em sala de aula e caracterizar a concepção que a professora tem acerca da leitura.

Após ler e receber explicações sobre a pesquisa tive assegurados os meus direitos de obter respostas a qualquer pergunta e esclarecimentos sobre os procedimentos, riscos, benefícios e outros relacionados à pesquisa. Tive assegurado também o direito de retirar o meu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, bem como, a não ser identificado e ser mantido o caráter confidencial das informações relacionadas à minha privacidade e meu anonimato. Os resultados da pesquisa só serão utilizados para fins científicos. Caso deseje, eu posso procurar esclarecimentos junto à pesquisadora.

Após obter as informações necessárias sobre o projeto de pesquisa, declaro estar ciente do conteúdo deste Termo e desejar participar do projeto/ou autorizar que participe da pesquisa.

Cajazeiras-PB, ____ de _____ de _____.

Nome do sujeito/ou do responsável: _____

Assinatura: _____

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisa):

Testemunha 1:

Nome: _____

Assinatura: _____

Testemunha 2:

Nome: _____

Assinatura: _____

Assinatura do pesquisador responsável

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO FEITA NA TURMA DO 1º ANO DAS SÉRIES INICIAIS DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL CÔNEGO MANOEL JÁCOME, NA CIDADE DE SÃO JOÃO DO RIO DO PEIXE.

- Observação das práticas e métodos utilizados pela professora.
- Identificar qual gênero textual é mais trabalhado em sala de aula.
- Observar o que a escola disponibiliza de recurso didático.
- Pedir que a professora relate um dia de aula, quando trabalha a leitura e observar se ela privilegia mais a leitura ou a escrita. (O que faz primeiro?) Comparar os ditos e os feitos
- Observar como as crianças recebem as atividades.
- Observar se a escola tem sala de leitura e se as crianças frequentam.

ROTEIRO DE ENTREVISTA 1

ROTEIRO DE ENTREVISTA FEITA A PROFESSORA DO 1º ANO DAS SÉRIES INICIAIS DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL CÔNEGO MANOEL JÁCOME, NA CIDADE DE SÃO JOÃO DO RIO DO PEIXE.

- NOME:
- IDADE:

- FORMAÇÃO ACADÊMICA:
 - HÁ QUANTOS ANOS LECIONA:
1. Qual é a sua formação?
 2. Qual é o tempo de ensino como professora e o tempo de ensino nesta série?
 3. Já lecionou em outras séries? Quais?
 4. Qual a sua concepção a respeito da leitura?
 5. Como você avalia o desempenho dos alunos na leitura?
 6. Que tipo de gênero textual você mais trabalha com seus alunos?
 7. Você segue um livro didático específico, para trabalhar com seus alunos? Qual?
 8. A escola tem algum projeto de leitura? Como é desenvolvido?
 9. Como você trabalha a leitura em sala de aula?
 10. Você sente dificuldade em trabalhar leitura com seus alunos?
 11. Na escola, como é o planejamento para as aulas de leituras ou este é você quem o faz?
 12. Os resultados são sempre alcançados? Se não como você replaneja a aula?
 13. Qual o primeiro livro que leu?
 14. Como era a sua relação com os livros no Ensino Fundamental? (Quais lembranças suas, das leituras feitas nessa época? Gostava de lê? O quê?).
 15. Como era a sua relação com a leitura na época de sua formação?
 16. Quando optou por ser professora, qual era a sua concepção de leitura? Mudou alguma coisa, nos dias atuais?
 17. Nos dias atuais, na sua prática cotidiana, o que você lê fora do material didático?
 18. Você acha que a maneira como você estudou a leitura contribuiu para a sua prática pedagógica e para desenvolver o processo de leitura com seus alunos?
 19. No presente, você reserva algum tempo para a leitura?
 20. Um livro marcante na sua vida?
 21. Relate uma rotina de um dia de aula, quando trabalha a leitura? (passo a passo).

ROTEIRO DE ENTREVISTA 2

ROTEIRO DE ENTREVISTA FEITA COM ALUNOS DO 1º ANO DAS SÉRIES INICIAIS

Dados Pessoais:

- NOME:
- IDADE
- SÉRIE

1- Você gosta de ler?

2- O que você mais gosta de ler?

3- A professora lia para vocês?

4- Você gostava da professora...?

5- Por quê?

6- O que ela fazia que você mais gostava?

RELATO DA ROTINA DE UMA AULA QUANDO TRABALHO A LEITURA

Inicialmente, apresento o texto aos alunos e trabalho o seu título realizando perguntas relacionadas a ele, resgatando a imaginação deles sobre o que pensam que o texto vai focar. Em seguida, realizo várias leituras compartilhadas do mesmo texto, em que os alunos acompanham-me na sua realização. Depois realizo a leitura individual, onde cada aluno lê o texto individualmente para mim. Após a leitura realizo o estudo do texto onde faço várias perguntas relacionadas a ele, com o intuito de buscar a compreensão do texto, o conhecimento prévio que possuem a respeito do conteúdo no texto e trabalho consoantes, vogais e as palavras.

Professora: S.D. G

MODELO DE TEXTO TRABALHADO

(Segundo a professora)

O sapo

O sapo não lava o pé,

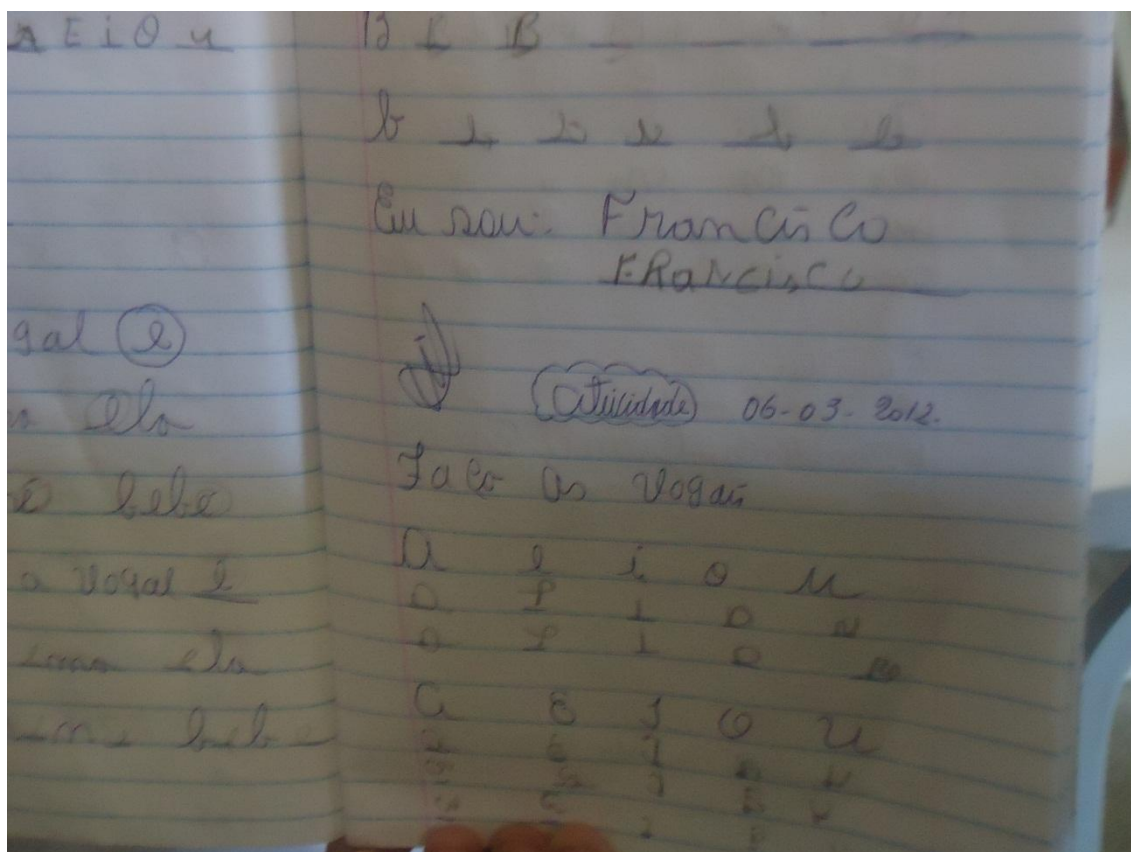
Não lava porque não quer.

Ele mora lá na lagoa,

Não lava o pé porque não quer.

Mas que chulé!

MODELO DE ATIVIDADES TRABALHADAS EM SALA DE AULA



Sente para as letinas

A	B	C	D	E	F	G	
A	B	C	D	E	F	G	
A	B	C	D	E	F	G	
H	I	J	K	L	M	N	O
H	I	J	K	L	M	N	O
H	I	J	K	L	M	N	O
P	Q	R	S	T	U	V	
P	Q	R	S	T	U	V	
P	Q	R	S	T	U	V	
W	X	Y	Z				
w	x	y	z				

Exerc: Admailton

Atividade

Faço as famílias silábicas

Ba	Be	Bi	Bo	Bu
Ba	Be	Bi	Bo	Bu
Ba	Be	Bi	Bo	Bu
ba	be	bi	bo	bu
ba	be	bi	bo	bu
ba	be	bi	bo	bu

Completi

Ba	Be	Bi	Bo	Bu
Ba	Be	Bi	Bo	Bu
Ba	Be	Bi	Bo	Bu
ba	be	bi	bo	bu
ba	be	bi	bo	bu
ba	be	bi	bo	bu

EEE Fundamental
 Canguamuel Jacome
 2da fase do Rincão Pêra
 Data 22-03-2012.
 Text. In.
 O Nota.

Rita viu o nota In.
 O nota o nome do nota.
 Rita jogou o nota no nota
 O nota do nota do nota.

1 O 6 são 3 e 2 robô 5 rádio 4 o Rui de

© robô e o rádio são de Rui.

Leia com atenção.

Rita viu um rato.
O rato roeu a roupa de Rita.
Rita jogou o rodo no rato.
O rodo partiu o rabo do rato.

Marque certo com um (X).

O rato roeu:

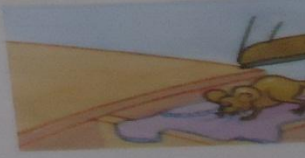
o retrato
 a roupa

Rita viu um:

gato
 rato

Rita jogou:

re...
 ro...



73

E. E. E. Fundamental
Carmo Mameel Jacome.
São João do Rio do Peixe.
Data: 22-03-2012.

Texto

O rato
Rita viu um rato.
O rato roeu a roupa.
Rita jogou o rodo no rato.
O rodo partiu o rabo do

